



Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume II, edição XVIII Novembro-Dezembro de 2011

Catecismo da Alquimia Superior por Karl von Eckartshausen

Para demonstrar a analogia das verdades naturais, com as verdades da fé.

Por um devoto da religião e da natureza, cujo número humano é 15.

Dedicado aos que são receptivos à Luz.

separação do puro e do impuro, do perfeito e do imperfeito, evitando os erros e as falsas obras que os verdadeiros mestres da autêntica comunidade da luz unanimemente rejeitam.

P. Como se manifesta aquele que comunga com a luz da natureza?

R. Através do grande sinal da cruz da natureza (+), sinal da grande força de

dissociação. Ele fala e empreende tudo em nome ou pelos atributos do fogo, da luz e do espírito, de tal maneira que conduz tudo ao seu Amém, isto é, à sua perfeição.

P. Quantos capítulos relativos à verdadeira comunidade de luz deve conhecer

àquele que comunga com a luz?

R. Existem cinco capítulos: o primeiro diz respeito à verdadeira convicção e à fé, ou filiação à luz. O segundo consiste nos sete meios para se obter a luz. O terceiro são os dez mandamentos da luz. O quarto é o conhecimento da forma pura como receptáculo e da força criadora co-

Pergunta: Quem és?

Resposta: Eu sou um homem que conhece a luz e que com ela comunga.

P. E que tipo de homem é este?

R. É aquele homem que, após haver reconhecido a luz, por ela foi iluminado, comungando inteiramente com a mesma; é todo homem que sabe

e pratica aquilo que a antiga e autêntica comunidade da luz sempre soube e praticou, estivesse escrito ou não no livro da luz.

P. Através de qual sinal se reconhece um homem que comunga com a luz?

R. A partir de um fato: ele conhece o sinal da cruz na natureza, o grande símbolo da força de dissociação, de



Nesta edição:

Catecismo da Alquimia Superior por Karl von Eckartshausen	1
Os Quatro Elementos no Interior do Homem	9
O Mundo Secreto por Rémy Boyer	23
A Fome no Deserto segundo Jacob Boehme, por Pierre Dehaye	32
Os Rosa-Cruzes por Sédir	44
Contos Espirituais	47

mo agente. O quinto é a ciência da dissociação da luz.

Capítulo Primeiro

Da comunhão com a luz

P. Em que consiste o primeiro capítulo da doutrina autêntica da luz?

R. Na comunhão com a luz e no seu conhecimento, pois, sem esta comunhão e esse conhecimento, não é possível fazer com que uma força atue, nem realize ou aperfeiçoe coisa alguma.

P. No que deve acreditar cada filho da luz, e com que deve comungar?

R. Em tudo e com tudo o que escreveram e ensinaram os homens da luz nos 12 artigos da verdadeira comunidade de luz.

P. Quais são os 12 artigos da verdadeira comunidade de luz?

R. 1. Comungo e creio em uma força ígnea criadora, da qual nasceram o céu e a terra, o extensum e o concretum, a partir do fixo e do volátil.

2. Comungo e creio também em uma luz produzida pela força ígnea, luz soberana do universo ou força onipotente da natureza.

3. Esta pura luz que emana do fogo é concebida pelo espírito mais puro e nascida da mais pura forma.

4. Contudo, deverá sofrer no reino do impuro, ser dissociada, mortificada e sepultada sob a terra.

5. Então a luz desce ao mais profundo da matéria e, após três épocas, ou seja, três alianças das três forças espirituais com três formas purificadas é retificada e vivificada novamente.

6. Ela eleva-se até a mais suprema perfeição como uma força de luz radiante do fogo todo-poderoso.

7. E depois de ter adquirido esta suprema perfeição, é capaz de devolver a vida ao que está morto e transformar o imperfeito em perfeito.

8. Creio no espírito da luz que emana do fogo e do calor, e eu o conheço.

9. Na santa, universal e verdadeira comunidade da luz, associação e união de todos os que são receptivos à luz.

10. Na abolição das enfermidades e da miséria.

11. Na renovação do nosso ser.

12. e na suprema felicidade da vida.

P. Qual é o objetivo principal destes 12 itens?

R. O objetivo principal é que quem seja receptível à luz, siga as leis da luz, as quais reconhece pela razão e que pratica pela vontade, isto é, que existe apenas uma força universal, única em substância e essência, simultaneamente tripla em seu desdobramento: força ígnea como força criadora, força de luz como força de união e força do espírito, que emana do fogo e da luz, como força formadora de todas as coisas.

Este espírito imanente conduz tudo à perfeição, e através de meios ordenados, à suprema realização.

Capítulo Segundo

Dos sete meios para se obter a luz

P. Qual é o segundo capítulo da doutrina da verdadeira comunidade de luz?

R. São os sete meios para se obter a luz, meios que a comunidade considera como santos e eminentes.

P. Em que consiste um meio?

R. Consiste em uma ação visível através da qual uma força invisível realiza uma perfeição interior.

P. Quantos meios existem?

R. Existem sete e guardam analogia com os sete sacramentos.

1. O batismo pela água e pela luz.

2. A confirmação da matéria pela água e pela luz.

3. A purificação.

4. A recepção da luz superior em essência e substância.
5. A santificação e aperfeiçoamento das coisas objetivas.
6. O óleo do Alto.
7. A associação de fogo e luz em um corpo perfeito.

P. Que é o batismo pela luz?

R. É o primeiro e mais necessário dos meios de união, graças ao qual a matéria é purificada pela água e pela palavra operante na água e é restabelecida como novo corpo, participe do ser de luz.

P. Que é a confirmação?

R. A confirmação pela luz é um meio de união através do qual a matéria, preparada como dito anteriormente, é fortificada com o óleo de luz e pelo espírito que se encontra nele. A partir deste momento, torna-se receptível à perfeição.

P. Qual é o terceiro meio de união?

R. Aquele pelo qual a luz e o fogo, sob as espécies formais dos princípios pão e vinho, obtêm sua essência, quando um efetivo sacerdote da natureza sabe como transmutar estes princípios sobre o altar.

P. Qual é o quarto meio de associação?

R. É o meio pelo qual o sacerdote da natureza, receptivo à luz, purifica a matéria sensível à luz e a si próprio de todos os efeitos da imperfeição.

P. Qual é o quinto?

R. É o meio de união através do qual a pura força da luz, sob a forma de óleo, eleva-se até a perfeição das forças curativas.

P. Qual é o sexto?

R. Sexto é aquele graças ao qual a matéria é santificada e tornada receptiva à luz através de 7 forças operantes

P. Qual é o sétimo?

R. É a união perfeita da luz com o fogo através de um intermediário que emana da luz e

do fogo, realizando a mais perfeita de todas as associações.

Capítulo Terceiro

Dos dez mandamentos de luz

P. Qual é o terceiro capítulo da comunidade de luz?

R. São os Dez Mandamentos da luz, sobre os quais se escreveu: "Se desejas realizar algo, então o fazes pelo cumprimento dos mandamentos da lei."

P. Quais são os Dez Mandamentos da luz?

R. São os seguintes:

1. Não existe mais do que uma matéria.
2. As propriedades desta matéria devem ser utilizadas de forma ordenada.
3. Em seis ações a matéria conclui sua obra cotidiana, visto que três forças produzem três seres, e na sétima força, como na plenitude de suas ações, repousa; esta sétima força será santa para ti, pois é o Shabbath da luz.
4. A luz e o fogo, enquanto elementos: passivo e ativo hão de vos inspirar respeito, pois o fogo é o elemento masculino e a luz, o elemento feminino, sendo o pai e a mãe de todas as coisas.
5. Não arrebatas da luz o que a vivifica, a fim de que não pereça a matéria que deve ser exaltada.
6. Não mistures tua obra fora da ordem estabelecida. Tudo a seu tempo e segundo suas rotações. Seja seu dever unir as forças dispersas.
7. Não subtraíras as propriedades nem da luz, nem do fogo; é dever do sábio fazer com que operem integralmente, deixando a cada um o que lhe pertence.
8. Não tomes como verdadeira uma falsa aparência, nem aceites nada impuro ou estranho, pois não seria capaz de absorver a luz, a fim de que a arte não te produza uma falsa imagem.

9. O espírito imanente da luz e do fogo não deseja coisa alguma que ainda permaneça vinculada a outras ou que não esteja delas desapegada.

10. Além disso, este espírito não deseja matéria alguma que lhe seja estranha ou dessemelhante.

P. Qual é o principal conteúdo destas leis de luz?

R. Que a luz deve penetrar inteiramente tua matéria ou substância, de modo que o fogo seja completamente unido à luz, e que o espírito que emana da luz e do fogo vivifique integralmente tua matéria. Esta é a primeira lei. A segunda é similar à anterior, qual seja: deve tratar da mesma maneira a matéria com que trabalhas assim como qualquer outra essência que queiras levar à perfeição. Destas duas condições principais dependem toda a ciência da luz e todos aqueles que com ela comungam.

P. Quais são os mandamentos da comunidade da Luz operante?

R. São em número de cinco. Primeiro: respeita como sagrados os momentos de repouso na obra, já que a luz tem seus sábados e o obreiro deve comemorá-los. Segundo: no decurso destes feriados de luz, consagra a substância ao santo sacrifício; através da água de luz, deixa que o puro se separe do impuro e o ativo, do inativo. Terceiro: durante a obra, abstém-te de tudo o quanto atente contra a lei da luz, tanto nas forças e ações como nas formas e essências das coisas; estes são as 4 têmporas (quatembres) da escola de luz. Quarto: pelo menos uma vez por ano, procura discutir com um amigo sensato os progressos que tenhas realizado e descobrir o que te regozija, para que tenhas um apoio para teu caminho, que te leve à perfeição. Quinto: durante os períodos em que a razão te determinar, abstém-te de abrir muito teu coração aos outros, bem como de te ligares a eles precipitadamente.

P. Por que é necessário respeitar os mandamentos da comunidade de luz dos verdadeiros conhecedores da natureza?

R. Porque as leis de luz, ou condições da luz, ordenam que o homem não apenas obedeça ao necessário para alcançar o objetivo estabelecido no interior da natureza, mas igualmente ao que se exige exteriormente para este mesmo fim. Na verdade, o quarto mandamento da luz pressupõe estas exigências, e quem quer que não respeite suas boas ordenações e preceitos, será considerado como homem profano e carnal que ignora as leis do espírito.

Capítulo Quarto

P. Qual é o capítulo quarto da comunidade da luz interior dos verdadeiros conhecedores da natureza?

R. É o conhecimento da analogia do santo Pai Nosso, a seguir, e da sagrada Saudação angelical, também logo a seguir, com a força natural e a forma naturalmente mais pura.

P. Qual é a analogia?

R. 1. Suprema força da luz, que és o divino na natureza e que habitas no mais profundo dela como no céu, santificados sejam teus atributos e teu preceitos.

2. Onde estás tudo é perfeito. Que o reino de teu conhecimento venha aos teus.

3. Que em toda obra, nossa única vontade seja tu, força de luz auto-operante, e assim como tudo operas em toda a Natureza, realiza também tudo em nossa obra.

4. Dai-nos o orvalho dos céus e as gorduras da terra, os frutos do sol e da Lua que vêm da árvore da vida.

5. E perdoa-nos todos os erros que tenhamos cometido em nossa obra, por desconhecimento de ti, assim como queremos afastar do erro aos que tenham ofendido nossos princípios. Não nos abandones à nossa presunção e à nossa própria ciência, mas antes liberta-nos de todo o mal mediante a consumação de tua obra. Amém.

Analogia do Ave:

Benvinda sejas tu, fonte pura de automovimento, forma pura capaz de acolher a força da luz! Tão somente a ti se une a força de luz de todas as coisas. Dentre todas as formas receptíveis, tu és a mais bemaventurada, e santa é o fruto que concebes, essência da luz e da substância do calor unidas. Forma pura que engendrou ao ser mais perfeito, eleva-te transformando-te em força de luz para nós, enquanto trabalhamos e na hora de concluir a nossa obra.

P. Qual é o conteúdo principal de todo o Pai Nosso dos filhos da luz e de sua analogia com a natureza?

R. Eles rogam pela soma de todos os bens espirituais e temporais para a salvação da alma e da vida, a fim de efetuarem, naquele que é a força suprema da luz - o divino na natureza - a grande obra da natureza; rezam para que Deus os guie para a sabedoria, que os preserve de cometer erros durante seus trabalhos e que os ensine a serem benevolentes para com os homens, seus irmãos, a fim de que se realize o que Deus prometeu aos descendentes de Abraão, de Isaac e de Jacó, e que seja cumprida a aliança de Deus com os homens.

P. Por que os filhos da luz também têm uma analogia com o Salve Angélico?

R. Com o objetivo de que admirem não apenas a grandeza de Deus em Sua força onipotente na natureza (com a qual o Cristo tem analogia), mas também para que reconheçam o esplendor da mais pura forma virginal, cuja analogia é a Virgem Maria, a quem se uniu a força do Alto, a fim de produzir o que existe de mais perfeito. Pois, da mesma forma que o Espírito Santo se uniu à Virgem para produzir o homem espiritual mais perfeito, igualmente afirmo que o espírito mais puro da natureza se uniu à matéria mais pura para produzir a forma física mais perfeita, o redentor físico da natureza, que conduz a todas as coisas físicas à perfeição, o qual consiste no segredo dos sábios. Por esta razão, esta arte não pode ser compreendida senão por quem se liga ao Cristo; e apenas as analogias

com a religião nos conduzem ao conhecimento supremo, tal como a experiência adquirida pelos filhos da luz os conduz, também por analogia, ao conhecimento dos mais altos mistérios da fé.

P. Não é suficiente que um filho da luz saiba e conheça tudo o que foi prescrito?

R. Não, isto não é suficiente, também deve praticar e demonstrar seu conhecimento através de suas obras; sobre isto é que se fundamenta a ciência da dissociação dos filhos da luz (Alquimia ou Química Superior), ciência análoga à retidão cristã.

Capítulo Quinto

P. Qual é o quinto capítulo dos Filhos da Luz?

R. É constituído de duas partes, a saber: quem comunga com a luz deve, pela graça do Alto, a qual é nosso orvalho, nossa cruz, purificar o impuro e fazer o bem em toda parte; para aquele que conhece a luz não basta conhecer a arte, também deve praticá-la, pois apenas saber não justifica, a prática também faz-se necessário.

P. Qual é o mal do qual nos devemos nos proteger a todo custo em nossa ciência da luz?

R. É aquele que ameaça o homem com a privação do supremo bem natural, que é a mais elevada perfeição da natureza.

P. Quais são os principais pecados ou erros que podem ser cometidos durante a operação?

R. São as ações, tanto durante a operação, bem como no emprego deste tesouro após a operação, e que sejam contrárias aos propósitos divinos. Para ser mais preciso, são: a elevação excessiva do fogo. A concentração excessiva. O desperdício. A parcimônia excessiva da natureza (matéria). A sobrecarga. A inflamação. O resfriamento. Em relação a estes pecados graves e mortais, que matam o espírito, está escrito: "aqueles que os come-

tem não alcançarão a perfeição suprema no plano físico”.

P. Quantas infrações ou pecados alquímicos contra o espírito da natureza existem?

R. 1. Edificar sobre este espírito presunçosamente, sem condescendência ou razão, pecando contra a sua misericórdia.

2. Desesperar-se prematuramente, quando não se vê imediatamente seu efeito.

3. Opor-se ao conhecimento das verdades alquímicas.

4. Inveja dos irmãos que tenham merecido a graça.

5. Endurecer o coração diante das mais saudáveis exortações.

6. Permanecer na ignorância.

Estas infrações são imperdoáveis, pois jamais poderão ser reparadas durante a obra.

P. Quais são as transgressões que bradam aos céus?

R. 1. Destruir deliberadamente a obra.

2. Profanar a obra.

3. Abusar dela para oprimir os homens.

4. Subtrair a recompensa daqueles que nela tenham colaborado.

P. Quais são os pecados alquímicos escandalosos?

R. 1. Aconselhar um erro alquímico a outrem.

2. Incitar outros ao pecado.

3. Consentir no erro de outrem.

4. Elogiar o erro de outros.

5. Calar-se mediante o erro de outrem.

6. Fechar os olhos para o erro de outrem.

7. Participar nos erros dos outros.

8. Defender tais erros.

Assim, tornamo-nos partícipes nos erros dos outros como se nós mesmos os tivéssemos cometido.



P. Quando se está de posse da obra, é suficiente abandonar o mal e evitar o pecado?

R. Não! Também é necessário fazer o bem, porque Deus concede esta graça apenas com o fim de que o homem assim agraciado possa dar frutos maduros de perfeição. Deve também levar uma vida piedosa e justa diante de Deus e dos homens e, por meio de boas obras, honrar sua elevada vocação.

P. Quantas boas obras existem?

R. Três.

1. O homem sábio deve ter sua alma sempre orientada para Deus e para a sabedoria.

2. Deve abster-se de tudo quanto não seja nem divino nem sábio.

3. Deve, por toda arte, atender às necessidades dos homens, seus irmãos.

P. Para quê servem as boas obras?

R. As boas obras servem para tornar feliz tanto o indivíduo quanto o universo inteiro.

P. Quais são as obras físicas de misericórdia que pode fazer o sábio quando adquiriu a suprema perfeição no plano físico?

R. 1. Pode alimentar aos que têm fome.

2. Dar de beber aos sedentos.

3. Vestir os desnudos.

4. Acolher os estrangeiros.

5. Curar os enfermos.

6. Reavivar a matéria morta.

P. Que obras espirituais pode praticar este mesmo sábio?

R. 1. Pode punir o pecado.

2. Ensinar os ignorantes.

3. Oferecer seus conselhos aos que duvidam.

4. Consolar os aflitos.

5. Sofrer a injustiça pacientemente.

P. Quais são as oito bem-aventuranças alquímicamente?

R. São aquelas obtidas pelo gozo e pela posse da mais alta perfeição da natureza, tida como o supremo bem natural, as quais são ensinadas por São João no Apocalipse, conforme a revelação do Senhor.

1. A quem vencer, dar-lhe-ei a comer do fruto da árvore da vida, que se encontra no paraíso de meu Deus.

2. O que vencer não será afetado pela segunda morte.

3. Ao que vencer darei a comer do pão celeste oculto e dar-lhe-ei uma pedra branca onde está escrito um novo nome, o qual ninguém conhece senão aquele que possui a pedra.

4. Ao que vencer e ao que guardar minha obra até o fim, lhe darei poder sobre as nações, e guiará os povos com mão de ferro, e os quebrará como a vasos de oleiro; possuirá o que eu herdei do Pai, e lhe darei uma estrela da manhã.

5. O que vencer será vestido de branco, e jamais apagarei seu nome do livro da vida, mas confessarei seu nome publicamente diante de meu Pai e dos anjos.

6. O que vencer será uma coluna no templo de meu Deus, e nele escreverei o nome do meu Deus e o nome da cidade santa, que é a nova Jerusalém, que desce do céu, e conhecerá o meu novo nome.

7. Ao que vencer lhe concederei que se sente em meu trono, assim como eu estou sentado no trono de meu Pai, pois eu o conquisei.

8. Quem for vencedor conquistará o direito de herança de tudo quanto deseje e espere de mim. Eu serei seu Deus, e ele será meu filho.

P. Quais são os conselhos divinos ou celestes desta arte?

R. São em número de três:

1. Ser pobre na riqueza.

2. Ser abstinente, quando se pode desfrutar de tudo.

3. Ser obediente, quando se pode ordenar.

P. Quais são as últimas quatro coisas?

R. 1. A morte, como mortificação da matéria.

2. O julgamento, ou a dissociação (discernimento, separação).

3. Do que é celeste e vivente.

4. Face ao que é terreno e morto. Pensa, ó homem, durante tua obra, nestas últimas quatro coisas e não falharás em tua obra.

Notas Finais

A força mais sutil é unida pelo ímã à matéria mais grosseira.

A força divisível aparecerá como indivisível.

Experiência

Pode-se decompor o ímã em quantos pontos se desejar, ainda assim as frações conservam os pontos e pólos semelhantes. O que, no ímã, manifesta-se nas partes exteriores parece permanecer imperceptível em todos os corpos. Sem dúvida alguma, todos eles têm seus pontos e pólos de forças, por meio das quais se unem com os semelhantes, enquanto rechaçam os dessemelhantes.

De acordo com o preceito fundamental do princípio das similitudes infinitas (Princípio inifinitorum similium), a estrutura do universo inteiro, e tudo que ele contém, parece estar concatenada e regulada, no maior e no menor, de acordo com as inter-relações magnéticas; estas relações unem o mais sutil com o mais denso, e vice-versa, tudo conforme a ordem. Ambos, igualdade e desigualdade, derivam de um único recipiente, que é a força.

Problemas: Como pode uma grandeza ser dividida em inúmeras outras, de modo que, ainda assim, entre a menor parte e o todo haja sempre uma relação semelhante?

Ou: Como potências e atos incontáveis se sucedem em constante dependência, de forma que, no incontável, permaneça uma relação semelhante?

Ou: Como conectar a força interna à externa, para que a forma oculta se exteriorize?

Uma vez que, em espelhos parabólicos, o foco se situa entre tangentes e secantes, não se deve ajustar as tangentes com as secantes, se quisermos atingir o ponto mais interior com a forma mais externa pelo mesmo ângulo?

Não seria possível unificar os pontos harmônicos (*puncta harmonica*) no ar em lugar determinado?

O que significa encontrar a quadratura do círculo?

Não parece contrário à natureza das coisas acreditar que encontrar a quadratura signifique expressar uma curva por meio de um quadrado?

Fazer a quadratura do círculo não significa antes esgotar um espaço cíclico com números racionais, de modo que do menor até o maior haja uma relação crescente exata?

Como se pode encontrar a raiz e a área de qualquer quadrado irracional?

Como encontrar a verdadeira proporção entre linhas laterais e perpendiculares?

Como demonstrar, com base no conteúdo racional do triângulo equilátero (sem saber de antemão sua área), quantos pés ou quantos fragmentos contém o quadrado do triângulo?

O que entendiam os antigos pela quadratura propriamente dita e pela Aritmética composta de nove partes (*Arithmetica novenaria*)? E que descobertas faria o mundo, se a Aritmética

composta de nove partes fosse unificada com a quadratura?

Não reina na Física o princípio das similitudes infinitas como princípio da cognição (*Principium cognitionis*), e não pode, na Metafísica e na Teologia, o princípio da unidade (*Principium unitatis*) ser o princípio da consciência (*Principium conscientiae*)? Graças a esses dois princípios, o efêmero e passageiro não poderia tornar-se fixo e permanente?

Não é uma lei eterna a que determina que o espiritual encontre sua subsistência no corporal e que o espiritual seja contido em um espaço corpóreo?

Não é essa corporeidade ou esse "onde" algo que pode ser expresso pela palavra "espaço", uma forma corporal onde atua o espiritual?

Não são três os princípios fundamentais e que atuam em sete forças? Não são esses três princípios fundamentais três fontes de movimento autônomo que convergem sete formas em um único conceito, segundo o qual as três primeiras formas constituem o primeiro princípio, a quarta e a quinta formam o segundo princípio, e a sexta e sétima formam o terceiro princípio?

Ao contemplar o universo, que é mantido coeso de modo quase imutável, é sensato concluir-se que isto ocorre por meio de um liame eterno e indissolúvel da Divindade, o qual o conserva integralmente unido. Todavia, no mundo material, vê-se também a fragilidade ou o efêmero, e, no efêmero, o imprevisível.

O homem pode reconhecer isso; para tanto ele precisa de algo que lhe torne a coisa reconhecível. Esse algo é a luz interior ou alma, assim como o que torna visível um objeto é a luz exterior.

A alma a que nos referimos é desconhecida para o homem como luz, enquanto ele con-

templar as coisas em seu espírito e no espírito da natureza, e não no divino. Quando começa a contemplar Deus em seu espírito, ele reconhece que Deus está fora de todo espaço e tempo, lugar e movimento, e que, não obstante, deve haver algo em Deus que se movimenta e ordena espaço e tempo, lugar e tudo o mais; esse algo é o Verbo, a sabedoria e a glória de Deus; esse Verbo não é uma essência ideal, mas algo vivo através do qual,

em sua forma mais pura, o divino e o humano, o supra-sensível e o sensível, o espiritual e o corporal, operam conjuntamente:

- na receptividade do homem mediante o divino,
- na capacidade de elevar o homem dos sentidos ao supra-sensível,
- na capacidade de o material glorificar-se e transformar-se em espiritual.

Os Quatro Elementos no Interior do Homem

Tudo o que vemos com os olhos físicos é formado por um ou mais dos quatro elementos, a saber, terra, água, ar, fogo; e todos esses elementos são "inimigos" entre si. Mas, com a ajuda da alma, ou por causa da alma, todos eles estão contidos e são ativos no corpo humano, cada um se manifestando de acordo com os seus próprios carmas – nessa proporção, mas todos os quatro elementos são ativos, em maior ou menor grau, em cada corpo humano.



Os Quatro Elementos

Os antigos distinguem os *Elementos filosóficos* das coisas elementares. Estas últimas somente atingem nossos sentidos: o fogo que nos queima, a terra em que pisamos, o ar que respiramos e a água que bebemos são o resultado de uma elementação devida aos *Elementos elementares*, ignorados vulgarmente, mas fundamentais em Hermetismo. Não são corpos, nem simples nem compostos, mas tendências polarizantes que engendram as qualidades elementares: quente e frio, seco e úmido, cuja ação põe em ordem o caos. Pois as coisas nascem do duplo equilíbrio que realizam: por um lado, a dispersão dilatadora provocada pelo Fogo em oposição à condensação constrictiva da Água, e, por outro, o alijamento sublimatório do Ar que retém o peso compactante da Terra.

Os quatro elementos, *Terra, Fogo, Ar e Água*, representam vibrações essenciais presentes na natureza e em cada ser humano. São como que a nossa "química" de base, as pedras basilares sobre as quais assenta a interpretação de um tema, e que se encontram em diferentes proporções em cada um de nós, de acordo com a nossa configuração natal.

Tradicionalmente, os elementos são divididos em 2 grupos:

Yang - Fogo \triangle e Ar \triangleleft - masculinos, ativos, doadores e auto-expressivos. Operam de dentro para fora, são autocentrados.

Yin - Água ∇ e Terra ∇ - femininos, passivos, receptivos e auto-repressivos. Operam de fora para dentro, a partir do mundo externo.

A Água é o solvente universal. Quando o elemento Terra lhe é adicionado, a vida vegetal torna-se possível. Tanto a Água como a Terra são elementos inconscientes. A água flui, mas não possui consciência disso. As plantas crescem, mas, embora sejam sensíveis a muitas coisas, não possuem autoconsciência. Ao adicionar-se o elemento Fogo, a vida animal torna-se possível. Aqui encontramos o primeiro vislumbre de consciência. Um animal é capaz de desviar-se de uma árvore, por possuir consciência do efeito que uma colisão com ela lhe acarretaria. Ele não deseja a experiência e, portanto, contorna a árvore, em vez de chocar-se com ela. Por isso, ele é consciente. Entretanto, ele ainda é selvagem, por carecer de mentalidade desenvolvida. A capacidade de fazer uso de uma mentalidade desenvolvida é característica do elemento Ar.

Ar, que simboliza o pensamento e é reservado ao homem. Assim, os signos da Água e os da Terra possuem uma qualidade inconsciente. São dotados de conhecimento e intuição instintivos e são altamente sensíveis ao ambiente. Eles mais sentem as forças da natureza do que pensam. Isso não significa que não sejam capazes de pensar; significa apenas que sempre que o fazem se baseiam em impulsos oriundos de sua percepção sensorial inconsciente do que se passa ao seu redor.

Os signos do Fogo e os do Ar têm uma qualidade consciente. Em vez de receberem estímulos inconscientes do meio ambiente, eles tendem a ser mais independentes em relação ao que se passa ao seu redor. São menos arraigados, mais mutáveis e, conseqüentemen-

te, mais preocupados com aquilo que podem fazer acontecer. Isso poderia nos levar a acreditar que os signos do Fogo e do Ar têm uma vantagem definida sobre os signos da Água e da Terra. E se observarmos que a realidade, ou ao menos sua aparência, parece imprimir-se constantemente nos signos da Água e da Terra, enquanto os signos do Fogo e do Ar se mostram capazes de imprimir sua aparência à realidade, essa vantagem parecerá ainda mais pronunciada. O fato, porém, é que os signos da Água e da Terra são mais sensíveis.

A maior parte das obras de poesia, música, arte e estética provêm das capacidades receptivas dos signos da Água e da Terra. Os signos do Fogo e do Ar fornecem a centelha e o estímulo intelectual sobre os quais as bases da cultura são edificadas. As diferenças que parecem conferir aos elementos conscientes vantagens sobre os inconscientes não podem ser comparadas. Os elementos inconscientes gozam de uma enorme profundidade que os elementos conscientes não possuem. Mas compará-los seria a mesma coisa que “comparar uma planta com um cão”. São coisas diferentes que exercem funções diferentes. Cada uma possui o seu lugar. E, talvez, mais importante ainda, cada elemento percebe a realidade à sua própria maneira.

Pode-se dizer que signos de mesmo elemento “combinam” entre si. Então fogo combina com fogo, terra com terra, ar com ar e água com água. Também “combinam” os signos cujos “elementos se ajudam”, por exemplo: terra combina com água, pois a água ajuda a terra a ser mais produtiva, e a terra dá à água forma e limite. Sem chuva nossa terra fica árida, e sem os limites da terra os rios transbordam, inundam e arruinam as plantações. O signo de terra pode ajudar a trazer mais realidade e senso prático ao signo de água, sempre mais emotivo e sonhador. E o signo de água traz mais sonho e fantasia à realidade nua e crua do signo de terra.

O ar ajuda o fogo a se manter. Se acabar o oxigênio o fogo se extingue. O ar ainda faz o fogo crescer. O fogo transforma o ar, aquece, dá movimento. São, portanto, elementos compatíveis e que se auxiliam em suas características. O signo de ar pode ajudar o signo de fogo a pensar antes de agir impulsivamente e o signo de fogo faz o signo de ar ser menos indeciso e ter mais iniciativa.

Raciocinando dessa maneira podemos dizer que a água não “combinaria” com o fogo nem com o ar. A água apaga o fogo e não interage de forma relevante com o ar. E a terra também, apaga o fogo e não se mistura com o ar. A emotividade do signo de água combinada com o impulso do fogo pode gerar atos passionais demais. Assim como o senso de responsabilidade do signo de terra inibiria a espontaneidade do signo de fogo.

É certo que Ar e Água não interagem diretamente, mas a água precisa, para manter-se pura e útil, do oxigênio que abunda no ar. Sem ele, a água torna-se pútrida e fétida, insalubre e nociva à vida. Por outro lado, a água, em forma de chuva tem o poder de limpar e purificar o ar quando este está poluído ou muito seco. Aqui também deve existir um ponto de equilíbrio capaz de trazer à tona os melhores aspectos destas triplicidades dentro do tema natal. Estudando e compreendendo como esses elementos interagem uns com os outros, em cada área da vida, é possível extrair de cada uma das suas manifestações, grandes lições para a evolução pessoal. Pode-se aprender a controlar os exauros que se cometem sob as influências de cada um deles, também se pode aprender a ativar e explorar os pontos fortes e positivos que eles contêm, em potencial.





A terra é pesada e compacta e o ar a torna mais apta a receber a semente, por isso ela é revolvida antes do plantio. O ar é necessário para que o meio seja adequado à gestação da nova vida no seio da terra. Se o ar não pudesse penetrar a terra, a vida seria impossível

nela. Não haveria a imensa riqueza de plantas e pequenos animais que a habitam. Sem a terra a maior parte da vida neste planeta não seria possível. Embora digam que ar e terra não interagem, existe entre eles uma relação de complementaridade e de ajuda mútua.

O fogo queima a terra, mas todos sabem que ele tem o poder de eliminar as impurezas que a sufocavam e depois de um incêndio, as florestas renascem mais fortes e exuberantes. O fogo renova a terra, desde que seja controlado.

O antagonismo é mais acentuado entre os signos separados por 90 graus (quadratura, aspecto contrariante), isto é, pelo lado de um quadrado, pois a água apaga o fogo, o fogo calcifica a terra, o ar está sem ação na terra e só agita a água para enfurecê-la.

Porém não se trata de oposições inimigas entre os Elementos repartidos pelo círculo vivo do Zodíaco, mas antes de diferenciações úteis e complementares, já que o ar mantém o fogo, e a terra seria estéril sem a água. Assim, no Zodíaco, os diâmetros ligam o que está destinado a se unir.

Os ideogramas atribuídos aos Elementos são triângulos, pois essa figura geométrica é a mais simples, na qual todas as outras se decompõem. Esses triângulos têm base horizontal, com a ponta dirigida para cima (Fogo  e Ar ) ou para baixo (Água  e Terra ). A barra que caracteriza o Ar e a Terra faz do primeiro um fogo apagado e da segunda uma água condensada. Essas indicações permitirão apreender melhor o alcance das triplicidades zodiacais, que distinguem três fogos, três terras, três ares e três águas.

Devemos, no entanto lembrar que, os três fogos, as três terras, os três ares e as três águas, na verdade, são apenas o triplo modo de ação de um mesmo elemento. Portanto, na realidade, existe apenas um só fogo, uma só terra, um só ar e uma só água que se di-

versificam conforme a função desempenhada.

O Elemento Fogo (Δ)

É o primeiro dos quatro elementos. Tem uma natureza positiva masculina. Sendo um elemento criador por excelência, possui três funções principais: **Criador, Destruidor e Purificador**. Por sua natureza masculina, implica-lhe a faculdade da paternidade. E ser pai, é dar generosamente germes energéticos capazes de vitalizar as condições femininas, originando assim um processo de reprodução cuja missão é conservar a espécie. A manifestação cinética deste elemento é o calor, e é a proporção do calor que estabelece as distinções entre os signos desta triplicidade. Os signos simbolizados pelo elemento fogo são: Áries, Leão e Sagitário, que buscam empregar a energia criativa. Quando pensamos no elemento Fogo, concebemos calor, luz, faíscas, chamas, brilho, fulgor e o próprio Sol. A criação não existira sem o Fogo.

Em todos os setores é sempre o elemento Fogo quem impele à ação. Ele atrai a atenção para coisas que de outro modo passariam despercebidas e, mediante essa atenção, todas as coisas começam a funcionar. Os signos ígneos detêm forte capacidade de excitação. Irradiando energia e vitalidade, impulsionam as idéias dormentes nos outros, a fim de que elas se convertam em ação. A energia potencial não possui nenhum significado para os signos de Fogo. É a energia cinética ou energia de ativação que constitui o foco de sua atenção.

Muitas variações podem se originar a partir de diferentes combinações, mas nada acontecerá enquanto as combinações não forem efetivadas. Os signos de Fogo são centros de atração que estimulam e colocam as coisas em contato, a fim de viabilizarem a criação. Muitas coisas são dotadas de beleza vívida e intensa, mas nenhuma delas resplandeceria sem o elemento Fogo. Podemos dispor de todos os ingredientes para uma refeição deli-

ciosa, mas nada acontecerá enquanto não acendemos o fogo. A “realidade” para um signo do elemento Fogo prende-se a fazer as coisas acontecerem, ou seja, ao próprio ato de criar.

Essas pessoas são calorosas, extrovertidas, audaciosas, aparentemente felizes. Enxergam a vida como um infinito mar de possibilidades a serem exploradas; gostam do desafio, da aventura, detestam tudo o que é rotineiro, estático e até seguro. Sentem uma enorme dificuldade em lidar com a realidade e as exigências do dia-a-dia, porque o real não tem o encanto que esperam encontrar em tudo o que fazem. São pessoas estimulantes, contagiantes, que possuem uma incrível intuição, um mágico pressentimento e uma percepção instantânea de tudo o que está subentendido, embora não se preocupem com detalhes e minúcias. Dramatizam tudo e exageram o comportamento, colorindo tudo, fantasiando e imaginando a vida como ela deveria ser, e não como é realmente. As explosões emocionais passam rapidamente e não são pessoas que guardam rancor ou removem ressentimentos. Para os signos de fogo, as ligações românticas começam como um conto de fadas e terminam como uma gaiola.

Triplidade de Fogo:

ÁRIES (♈): Ele começa a individualidade. Ele cria, pois é a 1ª casa (Cardinal de Fogo)

LEÃO (♌): Mantém a individualidade, mantém a vida (Fixo de Fogo).

SAGITÁRIO (♐): Transporta a vida, atira-se ao alto para buscar o Criador, A perfeição (Mutável de Fogo)

O Fogo de Áries – o fogo de Áries é um belo flamejar, belo demais para ser sustentado. É juvenil, cheio de coragem empreendedora, mas não sabe prever os obstáculos que não poderá superar. É de um ardor presunçoso, brilhante, mas que arrisca não ser mantido. Áries se precipita de cabeça, mas, quando encontra obstáculos, não sabe retomar o

seu impulso. Sua impetuosidade precisa obter sucesso instantâneo, pois a perseverança não é o seu forte.

O Fogo de Leão – o fogo de Leão mata sem piedade o que é apenas uma forma cheia de água; realiza o útil, prosseguindo a sua ação até conseguir o resultado. Não é mais o ardor estimulante e temporário que exalta a juventude, mas uma veemência contínua, viril, incansável, aplicada com uma resolução tão profunda que resulta muitas vezes em estafa. O Saturno planejador de Aquário está em exílio em Leão, daí a intemperança atuante do fogo leonino. Sem esse fogo excessivo, assassino, que consome o instrumento que usa, nada de grande nem durável seria levado a cabo.

O Fogo de Sagitário – o fogo de Sagitário pode ser comparado com as auroras boreais, pois é o fogo que não queima nada e se espalha na alta atmosfera que ilumina psiquicamente. Manifesta-se de preferência nos idosos que conservaram a juventude de espírito e de quem vivifica a inteligência e a sentimentalidade. Não é um ardor violento, nem mesmo intensivo na sua brandura, pois é uma vibração sutil que se estende em ondas insensíveis, captadas pelos favoritos das mensagens divinas. Tais são os pensadores que se elevaram acima das preocupações interesseiras, desdenhando as habilidades do Mercúrio de Gêmeos que paralisa Sagitário. Esse signo acalma o fogo que ele torna etéreo para torná-lo vivificador e regenerador de uma vitalidade que Áries fará arder, na espera de sua consumação por Leão.

Podemos ter uma imagem da trajetória do Fogo na vida do homem: No princípio, uma fogueira que arde com impetuosidade, espalhando fagulhas por todos os lados, num ímpeto de auto-afirmação e de criação. Com o tempo, essa fogueira impetuosa transforma-se numa labareda mais controlada, capaz de manter-se e que consegue direcionar seu calor e sua luz e, finalmente, transforma-se nu-

ma chama serena e constante, capaz de lançar luz ao seu redor e iluminar as próprias trevas.

O Elemento Água (∇)

A Água é o elemento mais abundante, encontrado na maioria dos seres vivos. Isto estabelece a relação entre os seres vivos e as suas origens, pois ousaram sair da água para se adaptar à terra. Transformação é a característica principal deste elemento, e a natureza assim nos demonstra. Desde a corrente elétrica que em muito nos beneficia, até os estados de putrefação orgânica necessários à natureza, tudo é ou envolve transformações provocadas pela água. A água simboliza os sentimentos, as emoções, e, por isso, as pessoas destes signos encaram e reagem a vida de forma emocional. fazem parte do elemento Água: Câncer, Escorpião e Peixes.

Quando pensamos na água, concebemos umidade, fluidez, movimento, reflexão, limpeza, purificação, batismo, e nos lembramos de gotas, rios, riachos, chuva e oceanos. Um dos princípios da física diz que a água sempre busca o seu próprio nível. Isso se revela importante quando consideramos que os signos da Água são signos emotivos. Esta pista nos leva a compreendermos que as emoções buscam constantemente equilibrar-se. Por isso, as pessoas altamente emotivas poucas vezes são muito claras. As emoções tendem a contrabalançar-se umas por intermédio das outras. Isso explica porque as pessoas emocionalmente felizes tendem a atrair pessoas tristes. As pessoas emocionalmente estáveis atraem pessoas emocionalmente instáveis. Dessa forma, as águas da emoção, independentemente da forma adotada, se contrabalançam. São os desígnios da natureza. Os emotivos signos da Água baseiam sua vivência no que sentem.

São signos altamente intuitivos e psíquicos. Sentem a rejeição, a solidão, o medo, a tris-

teza, a angústia e o amor em muito maior profundidade que os demais signos do zodíaco. O elemento Água lhes confere uma vida muito rica no mundo dos sentimentos. As pessoas desses signos reagem às variações do tempo com a mesma espontaneidade com que uma planta se inclina na direção à luz solar. Elas respondem de maneira instintiva às variações inconscientes do humor dos que se encontram ao seu redor. Outra das propriedades da Água é a capacidade de reflexão. Essa reflexão pode ser límpida ou distorcida, de acordo com a serenidade ou a turbulência da água. Os três signos da Água são refletores da emoção inconsciente. Portanto, uma forte quantidade de ilusão encontra-se associada a esse elemento. Não é tanto da realidade, mas de suas transformações, que se ocupam as pessoas desses signos. A única coisa que aparenta realidade para elas e a sensação que as coisas provocam nelas.

As pessoas dos signos de água são instintivas, receptivas, intuitivas, têm a imaginação rica, assim como é rico o seu mundo de sonhos e fantasias. Não são pessoas objetivas e, por essa razão, podem agir injustamente, já que têm simpatias e antipatias pelos outros no primeiro contato. Têm dificuldade em lidar com o lado racional, ponderado, lógico. Movem-se motivadas pelo que sentem e são extremamente sensíveis à rejeição. Farejam o "clima" de qualquer ambiente e reagem a ele instantaneamente. Para elas, os relacionamentos são fundamentais. Temem a solidão e o isolamento, embora possam não demonstrar. São pessoas emotivas, que mudam de humor freqüentemente. Porém, são magnéticas, absorventes, profundas e enigmáticas. Podem ser possessivas e esta característica pode expressar-se através dos sentimentos, de forma sutil ou não.

Um dos mais profundos mistérios da vida consiste em saber *quando deixar a Água fluir, quando detê-la e quando alterar o seu curso*. A água simboliza a emoção e quando permiti-

mos que ela flua, as coisas principiam; quando a detemos, as coisas terminam; quando o seu curso é alterado, o homem compreende o maior de todos os mistérios – a essência do próprio *controle*. O fato de os três ciclos da vida humana (criação, destruição e redenção) terminarem em signos da Água revela um outro propósito oculto do plano da vida. A natureza necessita da coesão da água para ligar as coisas (Câncer), da turbulência da água para desintegrá-las (Escorpião), e de sua suave cristalinidade (Peixes) para purificar. Apenas quando as emoções humanas (Câncer) são transmutadas por meio de Escorpião, o homem consegue entrar em contato com as emoções mais elevadas (Peixes) que se encontram na faixa de sintonia do amor cósmico.

Triplidade de Água:

CÂNCER (♋): Principia a emoção, ele reage a tudo (Cardinal de Água)

ESCORPIÃO (♏): Primeiro trabalha a emoção, depois a expressa (Fixo de Água)

PEIXES (♐): Transcende a emoção e a vida (Mutável de Água)

A Água de Câncer – a água de Câncer realiza o sonho de uma transformação passageira; mas como nada pode estabilizar-se definitivamente no perpétuo fluxo da vida, somos obrigados a construir, mesmo intelectualmente, com imagens de discutível consistência conforme a metafísica saturnina. A água é o veículo da vida; tudo o que ela anima é líquido.

A Água de Escorpião – sendo vivo, o líquido vital se altera, assim que não é mais construtivamente atuante. O descanso inativo lhe é fatal, pois assim que a tensão anímica diminui, a água interior estagna e tende à decomposição. Marte, o mestre noturno de Escorpião, apodera-se dele traiçoeiramente para aplicar sua demagogia junto às partículas vivas subordinadas, para provocá-las contra a vida

de conjunto, em marcha lenta. O resultado é uma agitação de ínfimas pequenas vidas que se insurgem no meio líquido vital senil demasiado indulgente. É a revolução desorganizadora que se opõe às formas da vida, às suas aquisições, sem diminuir em nada a indestrutível energia vital. Desordens e distúrbios tornam-se geradores de novas formações: a brandura que fermenta torna-se aspereza, desprende irrespiráveis vapores, mas dá à luz o vinho generoso, reconfortante e inspirador. Em si mesmo, a água de Escorpião é pois alterada, malsã, febril, enquanto se opera nela a transformação marciana que desola Vênus, doadora da vitalidade de Touro, e mergulha o desespero a Lua formadora, de quem Escorpião destrói a obra. A água que dissolve os corpos, para liberar sua espiritualidade, assemelha-se ao solvente universal dos Hermetistas, substância sem a qual a vida estabilizar-se-ia na inação e na negação de si mesma.

A Água de Peixes – as águas de Peixes equivalem às de um dilúvio afogando todas as aquisições terrestres. As colheitas de Virgem nela perecem e a eloqüência prática de Mercúrio desaparece. Intelectualmente, é um domínio de sonho, de sensibilidade divinatória, onde a hábil lógica do raciocínio está em falta, enquanto as artes plásticas, a poesia e a música nela encontram o seu elemento vital. Do ponto de vista biológico, trata-se do meio da vida ambiente difusa que se particulariza em vida individual.

A Água na vida humana segue, assim como o Fogo, uma trajetória que podemos resumir assim: no início, uma água que vivifica todas as coisas à sua passagem, para dar forma e vida aos impulsos criativos, imaginativos e sensitivos. Com o tempo, a Água que flui nas profundezas da alma ferve e fermenta, ameaçando transformar-se numa tempestade, que pode destruir tudo aquilo que não esteja firmemente enraizado, ou seja, corre-se o risco de perder-se nas profundezas instáveis das emoções e sensações. Finalmente, trans-

forma-se num lago sereno e plácido que vivifica e fertiliza a terra da alma.

O Elemento Ar (♁)

Para esta triplicidade o elemento cristalizador da Força Primária é o Ar. Consideramos que o ar é um grande elemento alimentador, de onde todos os seres vivos extraem sua nutrição, através da respiração. O ar é a grande cobertura que envolve o planeta; sem ele estaríamos expostos ao frio do espaço quando o Sol estivesse iluminando a outra face da Terra. E, estaríamos expostos a uma grande temperatura, quando o Sol estivesse brilhando sobre nosso horizonte. A ciência esotérica considera o ar como o segundo elemento positivo e grande amigo do primeiro: o fogo. É o terceiro elemento, de caráter expansivo, sua primeira casa de domínio e também a 3ª do Zodíaco, correspondente ao signo de Gêmeos que rege, no corpo humano, os braços e os pulmões. Simboliza as pessoas racionais, lógicas, questionadoras, preocupadas com os "porquês", com as explicações. (Gêmeos, Libra e Aquário).

Quando imaginamos as qualidades do Ar, pensamos em leveza, não-contenção, intangibilidade, brisa, mobilidade, invisibilidade e uma certa suavidade. É justamente no tocante a esta última qualidade que as pessoas costumam enganar-se quanto à natureza dos signos do Ar. O Ar é, sem sombra de dúvida, o mais poderoso dos elementos, pois pode penetrar através de qualquer brecha. A Água, a Terra e o Fogo pode ser contidos com muito maior facilidade do que o Ar. O que é que pode conter o pensamento? Ele é a realidade mais elevada no homem, pois o homem é aquilo que pensa. Os signos do Ar buscam o conhecimento. A obtenção da sabedoria é a sua meta final. Eles se identificam com aquilo que sabem e sentem insegurança diante do que desconhecem. Estão constantemente trocando idéias com os outros com vistas a uma disseminação do conhecimento no mundo. O Ar é um tanto inconstante e indepen-

dente, mas essa é a única maneira de que dispõe para poder transportar livremente o pensamento.

O Ar é capaz de ascender para além do Fogo; não é limitado pela Terra, nem se perde na Água. A mentalidade humana simbolizada pelo elemento Ar encontra-se acima da vida marinha, vegetal e animal representada pelos outros elementos. A capacidade de pensar é a maior dádiva do homem. É graças a ela que ele pode inquirir sobre a ordem do universo e, dessa forma, aumentar sua compreensão em relação a ele. Mas um dom não é um dom a não ser que seja usado. O homem precisa aprender a pensar, pois só quando assim o fizer transcenderá a sua natureza inferior. O pensamento conduz inevitavelmente a formas mais elevadas de pensamento e traduz a própria característica humana da busca constante. É essa qualidade que desperta o interesse pelo verdadeiro sentido da vida. Os signos do Ar, na qualidade de pensadores e buscadores, preocupam-se com o aspecto real das relações entre as coisas. Como as idéias se inter-relacionam? Como as pessoas se relacionam entre si? Como diferentes realidades se interligam? A verdadeira “realidade” para eles é: qual a natureza da realidade?

Emoções e sentimentos são inibidos, negados e reprimidos, devido à grande dificuldade em lidar com tudo o que foge ao controle. Extrovertidas, falantes e comunicativas, escondem uma enorme fragilidade emocional. Odiam discussões. Tudo precisa ter uma explicação; não precisa ser palpável ou visível, mas deve ter uma explicação. Os nativos de ar necessitam da troca de informações, dos relacionamentos em geral, assim como necessitam de espaço e liberdade. São independentes; não gostam de nenhum tipo de pressão ou autoridade. Tentam ser objetivos; procuram ouvir o outro e ser justos em seus julgamentos. A dificuldade está em sentir, em entrar em sintonia com os sentimentos do ou-

tro. Não gostam das reações instintivas, repentinas. Devido à constante propensão à reflexão, raramente reagem espontaneamente. Assim, acabam reprimindo até o lado intuitivo.

Triplidade de Ar:

GÊMEOS (♊): Multiplica a diferença entre o intelecto e o pensamento (Mutável de Ar)

LIBRA (♎): Inicia a comunicação, princípio da socialização e da multiplicidade (Cardinal de Ar)

AQUÁRIO (♒): Trabalha o intelecto fixo no futuro (Fixo de Ar)

O Ar de Gêmeos – o ar de Gêmeos se afirma, organicamente construtivo; a inteligência mercuriana que o anima é arquitetural: intervém para construir cada indivíduo conforme o plano de sua espécie. Mas o homem modelado fisicamente, com beleza adolescente, está longe de ser acabado. De posse do seu instrumento-habitação, cabe-lhe instalar-se para cumprir a sua tarefa vital. O esplendor de Gêmeos continua superficial, daí o afastamento nesse signo de Júpiter, mestre de Sagitário. O grande senhor filósofo repugna o esbanjamento imprudente do Mercúrio primaveril.

O Ar de Libra – o ambiente atmosférico mantém a vida do que respira. É o domínio da Balança igualitária, que não faz distinção entre os seres vivos: todos têm igual direito ao ar vivificante dispensado por Vênus, que se tornou a educadora dos seus filhos crescidos. Ensina-lhes a viver respirando a paz, que deveria ser o bem comum dos humanos, da mesma forma que o ar respirável. Uma lei justa, religiosamente observada, deve garantir uma concórdia fraternal, realizadora da idade de ouro do legendário reino de Saturno. Esse deus bem comportado, calmo, isento de paixões, triunfa sob a equitativa Libra que abrandava os costumes e civiliza os bárbaros. Ele obriga os guerreiros a depositarem as

armas e forma Marte a retirar-se. O ar de Libra permite ao indivíduo viver sem excessos, conseqüentemente, prolongando a existência e o gozo pacífico dos bens adquiridos.

O Ar de Aquário – oposto aos ardores de Leão, Aquário é gélido, como o espaço interplanetário, ao qual é associado seu ar, que é irrespirável. Esse sopro muito etéreo mata pelo frio, como o fogo de Leão extermina por excesso de calor. O sol está em exílio nesse signo, de quem Saturno é o mestre ativo e severo. Esse deus aqui não é negro como em Capricórnio, mas veste uma capa de neve, pois no ar de Aquário a umidade atmosférica se condensa e se solidifica. Nada que seja fluido nele subsiste; é um meio transparente de onde os vapores desaparecem por solidificação; estamos nas alturas saturninas, opostas às profundezas da concentração meditativa. É preciso alcançá-las para escapar de toda ilusão e conceber o nada das figurações inferiores.

O que se pode dizer sobre qualquer um dos elementos, talvez sobre este em especial, é que sua existência assombra profundamente. Da mesma forma, assombra a capacidade de abstração da mente, dos infinitos espaços por onde ela pode viajar. A vida humana seria impossível, pelo menos como a conhecemos e vivemos, se o homem não fosse capaz de uma intensa atividade abstrata. A eterna movimentação da atividade mental, tanto na vigília como durante o sono, é como o eterno movimento do ar que pode ser como uma brisa suave, morna ou quente, ou como um furacão, frio e úmido, que devasta tudo à sua passagem. Todos têm, às vezes, essas tempestades mentais, quando não se consegue conter o fluxo dos pensamentos. Não há barreira capaz de conter o ar, assim como não barreira capaz de conter a mente humana.

Pode-se ir a qualquer lugar do universo apenas pelo ato de pensar. Pode-se criar e desfazer estórias, pode-se criar e destruir personagens pelo ato de vontade da mente. Pode-

se aprimorar a vida aprendendo a utilizar sabiamente o poder da mente. E, compreendendo a força dos pensamentos, pode-se recriar o mundo que nos cerca. Também se pode, com o pensamento, “estar” nos pensamentos uns dos outros, porque a mente não conhece nenhuma barreira, nenhum obstáculo. Como o ar que está em todas as coisas, de uma maneira ou de outra, assim o pensamento, a mente também pode estar em todas as coisas.

O Elemento Terra (♁)

É o segundo elemento. A terra, o elemento da realização, é assim chamado pois é sobre ela que aqueles seres que se criaram, ou foram gerados na água, concluem a grandiosa tarefa de evoluir. É o mais rígido dos elementos e permite assim, que o homem se apóie sobre seus pés e estabeleça sua primeira condição de equilíbrio. Se o analisarmos no seu contexto, veremos que a terra tem condensada em seu interior a essência dos outros três elementos, portanto só poderá ser sobre este elemento que o homem fará manifestar sua realização. Os signos da Terra se preocupam com a forma, com a matéria, com o físico-material. São sensíveis à estrutura sólida das coisas. Nesse sentido, não possuem tanta consciência do que acontece momentaneamente quanto os signos da Água; eles possuem consciência apenas daquilo que é. O respaldo, a segurança, a firmeza, a certeza da estabilidade são qualidades do elemento Terra. Uma certa funcionalidade encontra-se vinculada com o elemento Terra, uma vez que ele busca relacionar-se com o que é útil, demonstrando pouco interesse pelo que não o é. As coisas foram feitas para serem usadas. Elas possuem um propósito e têm de servi-lo, ou então, são inúteis. Se procurarmos imaginar as qualidades da Terra, pensaremos no pó, na areia, em rochas, em árvores e em tudo o que emana naturalmente da Terra. São os materiais que utilizamos na edificação de estruturas.

É interessante observar que o elemento Água, devido à sua sensibilidade emocional inconsciente, busca sentir tudo o que a natureza lhe oferece, ao passo que os nativos do elemento Terra procuram edificar estruturas para isolarem e filtrarem muitas das forças da natureza. E, para essa construção, valem-se da própria fibra da natureza. O elemento Terra possui uma firmeza não encontrada em nenhum dos outros elementos. A terra sustenta e mantém. Ela é o solo da vida, que contém em seu interior a substância da qual emanam todas as coisas. Os três signos da Terra possuem a qualidade de conservar a substância de sua essência em seu próprio interior e de utilizá-la da melhor maneira possível. Preocupam-se com a preservação de tudo o que é importante para eles. No universo, a quantidade se manifesta como um processo de transbordamento, mas a qualidade se apresenta como um processo interior. Os signos da Terra preocupam-se com a qualidade das coisas. Qual a qualidade básica que um ser, idéia ou objeto encerra? A partir dessa qualidade, eles conseguem determinar a natureza da substância e compreender se é válida ou não. Portanto, o que é real para um signo da Terra é a qualidade que algo contém.

O elemento Terra simboliza as pessoas práticas, concretas, realistas. Pessoas que acreditam no que conseguem ver, naquilo que funciona, no que tem utilidade. Três signos do zodíaco fazem parte deste elemento: Touro, Virgem e Capricórnio. Sentem necessidade de segurança concreta, material, de um chão onde possam construir algo sólido e duradouro. Os sonhos, as fantasias, as visões e a imaginação não estão entre as prioridades dos signos de Terra. A especulação, o jogo, o risco também não. Para elas, normalidade e estabilidade são sinônimos. São pessoas leais, trabalhadoras, persistentes, que não sonham com o impossível. Por esta razão, têm sempre a possibilidade de concretizar o que almejam. Os nativos de Terra entendem que tudo deve ser conseguido com trabalho, de-

dicação, e que não se deve contar com a sorte.

Triplicidade de Terra:

TOURO (♉): Trabalha a matéria, artesão (Fixo de Terra)

VIRGEM (♍): Colheita - transforma e modifica a forma (Mutável de Terra)

CAPRICÓRNIO (♏): Inicia a forma, cria a matéria (Cardinal de Terra)

A Terra de Touro – Lavrando o solo, esse animal torna-o fecundo, permeável às influências vitalizantes da atmosfera. Graças a ele, a mineralidade se transforma em suporte da vida orgânica. A terra de Touro fornece, assim, a base sólida necessária em toda construção vital; deixa de ser inerte e vazia, como o elemento caótico, para animar-se sob a ação da vida. Nela a Lua encontra a sua exaltação, pois a parteira das formas dela tira a substância plástica que aciona.

A Terra de Virgem – é a elaboração sofrida, seu trabalho de gestação, que santifica a Terra de Virgem; ela dá à luz, virginalmente: aí está o mistério das deusas das colheitas. Essa terra é o campo onde a atividade laboriosa é vitoriosa, por isso é hostil a Júpiter que assume a sua plenitude em Peixes, e a Vênus de quem esse signo exalta o frívolo coquetismo.

A Terra de Capricórnio – Saturno descansa em uma Terra que está ligada à matéria-prima dos sábios, substância fantasmagórica, porém trêmula de toda objetividade. É um nada dotado de consistência graças a Marte, a energia motora, que faz turbilhonar incorpóreos elementos dinâmicos. Concebe-se que o deus destruidor seja exaltado nesse domínio, já que, rompendo ali as últimas formações atômicas, libera as forças destinadas à renovação da vida. Seu papel agrada ao velho Saturno, que o acolhe em sua Terra primordial outra vez, fictícia e vazia, no sentido esotérico. Algo imaterial torna-se o substrato de

tudo. Em tal ambiente, a luz que se deleita com aparências inchadas de fluidez, não encontra nada a seu gosto, nem o suntuoso Júpiter exaltado em Câncer, para quem a terra desolada de Capricórnio não oferece nenhum apoio.

Chegar à matéria pressupõe uma trajetória em outros níveis de realidade. Isto é, um tijolo começa a existir no mundo aéreo, das idéias abstratas. Ali ele é idealizado e pensado como a possibilidade de uma realidade concreta. Depois disso, os elementos são escolhidos e aglutinados para tornar real a existência do tijolo. Ao barro ou argila, junta-se a água, capaz de unir e dar liga aos elementos secos e dispersos. Leva-se essa massa úmida ao fogo, que lhe dará resistência e força. Chegamos ao concreto, que para existir passou por todas as etapas desde a idéia abstrata, pela idealização da forma até a sua execução e finalização.

A fertilidade da terra é fundamental para que a vida se desenvolva. As experiências que se possa extrair das casas do elemento Terra demonstram que todas as coisas têm um período de preparação, de gestação, necessário para que cheguem à sua forma ideal. Assim é com as coisas materiais, assim também é com as idéias, com os ideais e com as esperanças. Elas ensinam que há uma grande distância entre um sonho impetuoso e a sua concretização. Elas ensinam o valor real do tempo, da paciência e da estabilidade como requisitos para uma caminhada saudável e bem dirigida pela vida. Demonstram que as coisas feitas sob impulsos de momento, que os sonhos irrealistas podem ser fontes de grandes decepções. Ao contrário, ao calcar firmemente os pés na realidade, o homem pode permitir que seu espírito voe sem o risco de perder-se num mundo totalmente abstrato e fora da realidade em que está inserido.

Uma das coisas mais importantes no estudo da “Astrologia Interior”, é que se começa a ter uma visão menos fragmentada de si mes-

mo, ou seja, passa-se a compreender o pensamento e comportamento como partes de um processo único, como resultantes um do outro. Isso leva a perceber com mais profundidade a relação entre pensamento e ação e a assumir maior responsabilidade sobre eles. Também permite compreender que a auto-análise deve ser um exercício contínuo, que deve ser aprofundando cada vez mais, pois não basta fazer uma auto-análise superficial e esperar grandes resultados disso. Para que esse trabalho seja efetivo, é necessário que se aprenda a criar um distanciamento de si mesmo, isto é, olhar para si como se estivesse olhando o outro, porque o homem costuma ser mais implacável nas suas observações sobre os outros do que consigo mesmo.

A tendência natural é que se encontrem desculpas e justificativas para o próprio comportamento, mesmo para os piores, ao passo que se condena facilmente o mesmo comportamento no outro. Portanto, somente assumindo uma atitude imparcial para consigo mesmo o homem pode ser absolutamente honesto na análise dos seus atos.

Começa-se a entender a função do silêncio na caminhada pessoal. O que era uma abstração, revela-se como uma necessidade da alma. Outro ponto é estar sempre alerta para o hábito altamente nocivo de julgar o comportamento alheio, evitando olhar para o próprio comportamento. Julgar não é o caminho para o autoconhecimento, observar sim é o caminho, porque enquanto julga o homem não compreende e quando observa passa a entender e depois a compreender, podendo assim transformar. Esse trabalho deve mostrar muitas coisas que eram desconhecidas e outras que eram conhecidas mas não compreendidas. Adquiri-se o hábito de buscar a causa mais profunda, a motivação real das reações, pensamentos, atos e desejos. Respostas superficiais não conseguem mais satisfazer e não será mais possível viver à mercê de padrões que se repetem indefinidamente. Surge a coragem de olhar para a

sombra, para a escuridão e a feiúra que nublam a alma, surge a vontade de trabalhar para libertar a alma e passa-se a acreditar que é possível mudar tudo o que deve ser mudado.

Encontra-se no próprio interior a coragem para mudar coisas que incomodavam, para experimentar, para apostar na própria capacidade de conduzir a vida profana, emocional e espiritual. Aprende-se a diferença entre as coisas que precisam e devem ser mudadas e aquelas que se deve aceitar assim como são. Entende-se que a vida está profunda e poderosamente interligada a toda vida do universo e que nada do que se faça fica restrito a nós. É maior a leveza, maior a clareza, maior a serenidade. O importante não é esperar não errar mais, mas não desanimar e não desistir quando cair num erro.

Deve-se procurar na mais profunda intimidade as razões para aquilo que acontece fora. Vigiar os pensamentos, os impulsos e as reações interiores ao que acontece no exterior. Conseguir encarar os medos mais profundos, dos quais se fogia. Perceber que muitas vezes um é dois, ou seja, aquilo que se diz ou se faz não condiz com aquilo que vai interiormente e nesses momentos procurar corrigir-se, adequando o exterior ao interior. Não ter vergonha de admitir os defeitos, não se preocupar em passar para o mundo uma impressão de perfeição que não é real. Sentir-se mais honesto e mais coerente, portanto mais livre. Essas coisas afetam de maneira profunda o modo como se encara o próximo, aumentando a compreensão, tolerância e compaixão. Abre-se um novo caminho. Apesar de toda as coisas tristes que nos cercam, apesar da dor, do sofrimento que há no mundo, apesar das frustrações e das decepções, a alegria será uma companheira constante.

Saber que tudo passa, tudo muda, porque a vida é movimento e aprendizado aumenta a esperança e redobra a fé. Não se sente partido e sozinho como antes. Há um sentimento

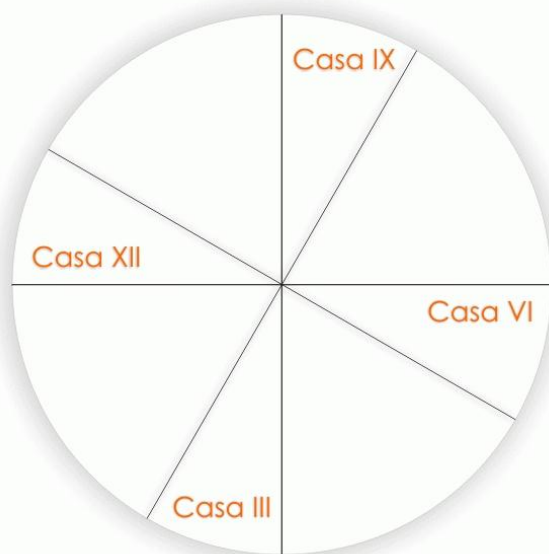
de estar eternamente acompanhado e cuidado, cercado de afeto e protegido. Descobrir que se é forte, corajoso e que se tem vontade poderosa. Descobrir que podemos mudar aquilo que precisa ser mudado, que se pode vencer os medos que paralisam, que mudar é benéfico e que se pode sempre confiar em si mesmo.

Quando se passa a ter um conhecimento mais real e sincero de si mesmo, quando se vê todos os limites que mantém alguém preso a hábitos, idéias, preconceitos, medos, dúvidas etc, passa-se a olhar para o próximo com mais compaixão e tolerância. E também se começa a entender o real valor das relações humanas, a importância da interação com as pessoas, através da qual a vida proporciona tantas lições. Começa-se a desenvolver uma maior tolerância porque se começa a entender que todos têm problemas, lutas interiores e desejo de evoluir. Olhando o próximo com pré-disposição a compreendê-lo, é possível desenvolver a empatia, a tolerância, a compreensão, a paciência. Isso também possibilita que se desenvolva um trabalho mais efetivo contra o orgulho, a inveja, a ira. Afinal, é através dos relacionamentos com os semelhantes que se encontra, no dia-a-dia a possibilidade de aprender e evoluir.

Assim, com certeza as práticas espirituais encontram uma nova dimensão, depois de iniciados estes estudos. Em parte, porque se descobre ser capaz de coisas que não se imaginava, em parte porque se adquire mais clareza de propósitos, em parte porque a fé aumenta e também a gratidão. A capacidade de concentração cresce, a entrega na oração aumenta, encontra-se sentido nos rituais e objetivo nos exercícios. Nessa observação ativa, dando vida, nome e forma às Casas e aos elementos, percebe-se a trajetória da alma pela vida até o presente momento. Onde estão os desafios, as lições mais significativas, as barreiras mais difíceis de vencer e as possibilidades mais excitantes de evolução. Não há como passar por essa experiência e

seguir sendo o mesmo ou fazendo as coisas do mesmo modo.

Casas Cadentes à Luz dos Quatro Elementos



As Casas Cadentes (III, VI, IX e XII) desempenham o papel de escola onde a criança se disciplina (III), de canteiro de trabalho obrigatório (VI), de colégio dispensador de instrução superior (IX) e por fim de prisão onde se expiam os erros (XII).

Nas casas cadentes, o homem busca maneiras de resolver os conflitos e desafios do quadrante colocando-os num contexto maior, ampliando assim sua visão e se preparando para o início do próximo quadrante. Nas casas cadentes ele é mais impressionável, mais perceptivo e mais adaptável do que nas outras casas. Sua sensibilidade não está limitada às suas necessidades pessoais, como nas casas angulares, nem aos seus objetivos e valores pessoais, como nas casas sucedentes. Experiências nas casas cadentes elegem o lado adaptável, comprometido, harmonioso e de progresso orientado de seu caráter. O molde Cadente é de certa forma, a fase mais madura de cada triplicidade no ciclo das casas.

Um elemento em seu módulo Cadente, no final de um quadrante, deve reconciliar as expressões angulares e sucedente de dois outros elementos nas primeiras duas casas de cada quadrante. Para a tarefa de reconciliação, extrai de sua própria expressão angular prior (no quadrante oposto) e expressão sucedente (no próximo quadrante precedente). Por exemplo, o Fogo Cadente (casa IX) deve reconciliar as contradições entre o Ar angular (casa VII) e a Água sucedente (casa VIII). Para tanto, o elemento Fogo aqui, extrai sua experiência na casa V. Aqui na casa IX onde não se é mais autocentrado como no primeiro e segundo quadrante, o homem pode compreender melhor os outros (casa VII) pois se lembra da própria impulsividade e o do próprio comportamento autocentrado (casa I). Como o orgulho já não é mais um grande impedimento na casa IX como era no primeiro e segundo quadrante, ele pode usar sua criatividade pessoal (casa V) para ajudar a outros a realizar um novo potencial com seus recursos pessoais (casa VIII). O módulo Cadente também planta a semente do novo quadrante. Por exemplo, o elemento Fogo na casa IX planta a semente que brotará em manifestação pelo elemento Terra.

Conflitos com os Outros

Nos conflitos com os outros, casas opostas geralmente estão envolvidas. Seus interesses em uma casa são opostos pelas atividades percebidas como casa oposta. A ligação possui duas extremidades, uma em cada par de casas opostas.

É difícil começar um diálogo com um antagonista, mas ele é necessário. Estar diante do outro e lhe abrir o coração, falar de tudo o que no outro desagrada e pedir-lhe que faça o mesmo. Em que momentos se age de forma semelhante a ele? Em que situações se tem as mesmas respostas, as mesmas atitudes que desagradam nele? Como aceitar essas características e transformá-las ao invés de simplesmente rejeitá-las? Como conviver

com as diferenças, com aquilo que não se “aprova” no semelhante? Mas, acima de tudo, como deixar de julgar? Como desenvolver a tolerância, a paciência, o amor na sua expressão mais elevada?

“Caminhando” até a Casa oposta e olhando para a Casa onde está o ocorrendo o conflito, pode-se ver a situação sob outro ponto de vista. Nesta casa o “outro” adquire um significado especial. Pode-se ver e sentir seus conflitos interiores sem se projetar neles e não a partir de uma postura de superioridade, mas de uma postura de compreensão. Olhar para o conflito e, ao invés de raiva, sentir compaixão. É como olhar para o passado desde uma perspectiva mais madura, mais adulta. Como o “outro” se sente com relação a nós, como reage ao nosso modo de ser? Como chegar a um consenso para resolver esse conflito?

Olhando para uma outra Casa da mesma qualidade (Fixa, Cadente ou Mutável), pode-se encontrar o apoio necessário e perceber que algumas das características presentes nessa Casa podem ajudar a maturar as emoções e a sensibilidade, ou seja, podem abrandar o conflito, reduzindo-o ao seu real tamanho. Também olhar para a próxima Casa da mesma qualidade, pode-se notar a necessidade de subir uma oitava na jornada que se está vivendo no mento, já que os conflitos têm a finalidade de nos remeter adiante e não de nos paralisar. Não se pode ter duas faces: uma voltada para frente, para o futuro e outra para aquilo que já devia estar no passado. Há que cortar o passado e permitir que o fogo cauterize essas feridas de uma vez por todas.

Para progredir de fato, e evoluir, há que romper de vez com os conflitos da infância, purificando as emoções, assim como sublimar os pensamentos, utilizando o mundo mental para evoluir. O fogo, em sua expressão mais elevada e civilizada, indica que a época do homem selvagem já acabou e não cabe viver

sob sua influência. Deve-se decidir pelo progresso e é isso o que os conflitos interpessoais estão sempre indicando.

Chegando à última cada a mesma qualidade, deve-se compreender a criatura que suporta o peso de um mundo de influências que vêm de fora, porque ainda não aprendeu a isolar-se delas. É necessário que o tempo e as experiências façam sua parte nesse processo de maturação. O ser que se agita ao sabor das influências exteriores pode perder-se definitivamente se não se conscientizar do seu destino e da finalidade de sua vida. A última Casa da qualidade nos diz que a tendência é de se chegar à sutileza que vivifica as experiências, que aclara, que sublima os conflitos exteriores, sob uma perspectiva mais madura e equilibrada. É essa visão que deve nortear o comportamento nos conflitos vividos, porque ela pode fazer chegar a uma solução ideal para todos os envolvidos.

Se, quando o conflito tem origem, se pára, se reflete e se faz uma análise imparcial e sincera do que está acontecendo, provavelmente tudo pode assumir outro rumo. Se as emoções envolvidas forem colocadas sob o crivo da razão e não se agir sob a turbulência do primeiro impulso, tudo pode, com certeza, ser diferente. A atitude que define o desenrolar dos acontecimentos não pode ser a atitude errada. Os acontecimentos desagradáveis e desnecessários podem e devem ser evitados. Porém, por outro lado, uma situação de conflito pode ser de grande ajuda para o crescimento e evolução, pois é uma escola viva, para todos os envolvidos, direta ou indiretamente, no conflito. Nada se perde quando a alma consegue se abrir às experiências, por mais desagradáveis ou dolorosas que sejam. É nisso que se deve apegar, quando se sabe que é preciso repensar todas as atitudes e comportamentos, quando se sabe que é preciso modificar coisas profundamente enraizadas na personalidade e quando se sabe que é preciso tomar decisões sérias e definitivas.

Conflitos Interiores

Quando alguém experimenta a indecisão, a dúvida, a culpa ou outras formas de conflito dentro da sua personalidade, uma das casas situadas nos ângulos retos (separadas a 90°) geralmente estão envolvidas. São como que dois membros da mesma quadruplicidade, ignorando a casa oposta. Um exemplo pode ser um conflito entre o casamento de alguém (casa VII) e sua carreira (casa X), duas casas angulares. Um conflito interno é normalmente projetado em outra pessoa através de uma das casas opostas ao par, num esforço inconsciente de externar e compreender o conflito.

Um conflito interior sempre atinge diretamente a liberdade, a capacidade de adquirir segurança e a realização pessoal. Está diretamente ligado ao modo como nos relacionamos com os outros. Às vezes existe uma grande dificuldade em separar as coisas de dentro das coisas de fora, ou seja, tudo pode parecer estar interligado e a luta para conseguir estabilidade interior pode estar intimamente ligada à estabilidade exterior.

Ao deslocar-se para a Casa oposta, é possível deduzir que o interior não foi ou não está sendo apropriadamente trabalhado, por isso o que a pessoa projeta no mundo não está lhe trazendo os resultados desejados. O potencial criativo existe em cada ser, mas nem sempre se sabe como usá-lo da maneira mais proveitosa para a felicidade pessoal. Os medos tolhem

o senso de liberdade e podem impedir que se viva em plenitude. As necessidades mais profundas podem tornar-se uma prisão e isso se manifesta numa vida “desgarrada”, sem vínculos significativos.

É claro que os conflitos se externarão sobre todos aqueles que se aproximarem, principalmente sobre aqueles com quem temos vínculos maiores, que fazem parte do cotidiano. Aceitando a existência do conflito, deve-se encontrar um modo de sublimar as emoções envolvidas.

Chegando à penúltima Casa da mesma qualidade e olhando para as outras duas Casas, pode-se encontrar um meio de aliviar a opressão interior causada pelo conflito. Esta Casa deve ter alguma sugestão preciosa que se possa usar para chegar a uma solução. É inegável que a generosidade de Deus se mostra na vida através do apoio que se recebe das pessoas, ainda que não se espere, procure ou peça por ele.

Indo agora até a última Casa da mesma qualidade, e olhando daqui para a Casa anterior, é possível comparar o que se recebe com o que se dá. Existe equilíbrio entre o receber e o dar? Quanto egoísmo existe aqui? Essa constatação pode causar muita dor e embaraço. Também desperta um desejo de mudar as coisas, de resgatar, de consertar, corrigir, aperfeiçoar o que está errado e de fortalecer o que está fraco.

O Mundo Secreto por Rémy Boyer

Para uma Compreensão do Mundo das Sociedades Secretas

A sociedade secreta constitui um fenômeno universal. Presente desde a Antigüidade, manifestou-se em todos os domínios da vida, seja na esfera política, na esfera econômica, na esfera militar, na esfera científica, na esfera religiosa, na esfera artística, notada-

mente literária, ou seja ao que nos diz respeito aqui, na esfera da Tradição e do ocultismo (O termo ocultismo é preferível ao de esoterismo. O termo ocultismo foi perfeitamente definido por Robert Amadou em *L'Occultisme*, esquisse d'un monde vivant, éditions Chanteloup, Paris, 1987, p. 15 a 22. O ocultismo é “um vasto e maravilhoso conjunto de especulações e de ações. É uma vi-

são do universo e uma regra de vida. É uma filosofia. Afirmar que essa filosofia existe e enunciar suas características essenciais será definir o ocultismo”). No domínio político, por exemplo, muitos movimentos políticos internacionais nasceram nas antecâmaras onde alguns obscuros desconhecidos se reuniam para mudar o mundo. No domínio artístico, alguns círculos surrealistas funcionaram como sociedades secretas. A sociedade secreta adota formas múltiplas, mais ou menos adaptadas aos tempos ou aos espaços que ela atravessa. Dos mais recentes aos mais antigos, todos os elementos da nossa sociedade recorreram ou ainda recorrem à sociedade secreta.

A sociedade secreta constitui o vetor habitual de manifestação do mundo do ocultismo, da Tradição, da Iniciação. Esse mundo se interpenetra com todos os registros de expressão da natureza humana. O sublime acotovela-se com o medíocre, o vulgar acotovela-se com a beleza, com o horror, com a verdade... com a mentira, com o conhecimento, ... num paradoxo vivo que possibilita o surgimento do Ente. O Divino surge em plena imundície. A fascinação do humano pelo secreto, sua tendência natural para a autoalucinação e para o maravilhoso, recobriram a noção de sociedade secreta com um verniz de superstições e de crenças que torna a sua compreensão difícil.

Nossa época moderna, pela multiplicação de sociedades secretas com pretensão iniciática, que não se confirma nem por exames secretos, nem por exames iniciáticos, gerou uma confusão sem precedentes no palco já obscuro do ocultismo e atrai a atenção, além dos pesquisadores tradicionais ou universitários, do grande público e dos jornalistas sensacionalistas, bem como dos serviços governamentais da maior parte dos Estados. Ver, por exemplo, o artigo do Senhor Faubert, de 4 de novembro de 1994, publicado no *Événement du Jeudi* sobre o Grupo de Tebas, montagem tendenciosa e muito hostil que serviu amplamente à causa da anti-maçonaria,

visto que foi retomado pela revista *Sodalitium* em seu número de julho-agosto de 1994. Essa revista é publicada pelo abade Sergio Riscossa, filho de um professor de economia franco-maçom muito conhecido na Itália. Com três ou quatro outros padres, o abade Ricossa abandonou a Fraternidade de Santo Pio X, ao considerar que o Monsenhor Lefebvre era muito “moderado” e muito “à esquerda”, para fundar o Instituto Mater Boni Consili, que denuncia um complô judaico-maçônico e satanista.

Vamos tentar, aqui, dar alguns elementos de discriminação às numerosas pessoas que se interessam pelo ocultismo, pelas tradições, ou, mais geralmente, pelas sociedades secretas, a fim de que alguns fiquem em condições de passar da confusão ao discernimento. Não obstante, a confusão permanecerá, em geral e em particular, nesse domínio, pois sem dúvida é indispensável para dissimular as poucas sociedades secretas de caráter verdadeiramente iniciático e desqualificar a multidão dos curiosos ou dos desequilibrados que são atraídos pelo assunto.

Citemos Lanza del Vasto, que descreveu perfeitamente a situação em seu prefácio ao livro de Louis Cattiaux, “*Le Message Retrouvé*.”

“A conjuração dos imbecis, dos charlatães, e dos Sábios obteve êxito total.”

“Tal conjuração tinha por objetivo esconder a verdade.”

“Uns e outros serviram a essa grande causa, cada qual segundo seus meios: os imbecis por intermédio da ignorância, os charlatães por intermédio da mentira, os Sábios por intermédio do segredo...”

Nossa vontade é fornecer àquele que procura, não a felicidade, mas a libertação, o despertar, alguns indícios suficientes para detectar as pistas autênticas, bem como as vias sem saída, e beneficiar-se dos erros que ele não deixará de cometer, como todos os autênticos perscrutadores fizeram antes dele.

Tentativa de Definição da Sociedade Secreta

Não seria possível dar uma definição precisa e satisfatória da sociedade secreta. Diremos simplesmente que a sociedade secreta, no domínio tradicional, se caracteriza, não pelo segredo, não pelo caráter fechado ou clandestino, mas pelo rito. Entendemos por rito a existência de um corpus doutrinário e de uma praxis iniciática. Isso não implica necessariamente práticas rituais como temos, por exemplo, nas sociedades maçônicas, cavaleirescas, rosacruzianas... conhecidas, mas antes a presença de uma tecnicidade de despertar, de libertação, precisa e verificável, geralmente veiculada por um corpus doutrinário expresso num modelo de mundo particular ao meio da dita sociedade (hermetismo, martinismo, budismo, shivaísmo...).

Uma definição assim, restritiva e no entanto conforme à Tradição, eliminaria a quase totalidade das ditas sociedades secretas conhecidas, sem dúvida conhecidas demais.

Examinaremos, portanto, o conjunto do que está geralmente recoberto pela expressão “sociedade secreta”, a saber: toda organização que se apresenta como espiritual, esotérica, ocultista, tradicional, iniciática, ou qualquer outra qualificação que esteja a ela relacionada.

Iniciação e Sociedades Secretas

Todas as sociedades secretas tradicionais se pretendem iniciáticas. Pouquíssimas o são, sendo que a maior parte dentre elas assumem outras funções diferentes da *função* iniciática, funções que apresentaremos posteriormente. A noção geral de iniciação recobre, na verdade, vários níveis de lógica, dos quais alguns não tratam da Iniciação em seu sentido esotérico. Nesse último sentido, a Iniciação é uma questão técnica. Trata-se de con-

quistar estados de ser não-humanos, ou mais que humanos (Esse “não” não é uma negação estrita, mas antes uma generalização. Significa que os sistemas generalizados incluem o humano como um caso particular sem importância, o de nossa existência cotidiana. O acesso a outros estados de ser implica o reconhecimento do caráter epifenomênico do humano, com o qual convém, então, não mais se identificar), ativando, de fato e de verdade esses centros, chamados de estrelas em algumas escolas, de rodas em outras, de chakras o mais das vezes, antes de proceder a uma série de separações (o corpo lunar do corpo saturnino, em seguida o corpo mercurial, até o corpo solar segundo o hermetismo) para a constituição final do corpo de glória (ou corpo de Cristo, ou corpo arco-íris, etc.), atividade operada e desenvolvida por tecnicidades precisas, muitas vezes perigosas, de apelo a si mesmo, de alta teurgia, de alquimia interna, tecnicidades de acesso ao Ente ou Absolutidade.

Aqui ainda, a definição, embora conforme à Tradição, é restritiva. Rejeitaremos a muitíssimo prática crença segundo a qual “a vida é iniciação”. Isso é sem dúvida verdadeiro, mas seria necessário que se tratasse de uma vida totalmente consciente e unificada. Principalmente, é um dos argumentos colocados anteriormente por aqueles, muitíssimo numerosos, que inventam qualquer peça chamada de sistemas iniciáticos que remontam à Antiguidade. Num sentido mais amplo e, no entanto, aceitável, a iniciação é ciência da mudança. A verdadeira mudança, isto é, a passagem de um nível lógico para um nível imediatamente superior, comporta uma mutação, um salto, uma descontinuidade, ou transformação, do maior interesse teórico e da mais alta importância prática, pois possibilita deixar um mundo reconhecido como sombra para entrar num outro, mais “real”, mesmo que não seja a “Realidade”.

Os níveis lógicos devem, portanto, ser reconhecidos e rigorosamente separados se se quer evitar a confusão e usar o paradoxo

para maior nível de compreensão. Heráclito já havia revelado “a estranha interdependência dos contrários”, a que ele chamava *enantiodromia*. Quanto mais uma posição é extrema, mais provável é uma *enantiodromia*, uma conversão em seu contrário. A história das sociedades secretas é rica em comportamentos enantiadrômicos.

De fato, na falta de real tecnicidade de Iniciação, o indivíduo colocado na impossibilidade de alçar-se ao nível lógico (ou a-lógico) superior, passa para o oposto de sua posição inicial. Continua sendo verdade que passar de um sistema para seu oposto não é uma mudança. Isso ilustra, teoricamente, o mito ocidental segundo o qual o iniciado deve ir para além das duas colunas opostas, situadas na entrada do santuário.

Disso resulta que o iniciado que deve passar de um mundo “A” para um mundo “B”, imediatamente superior, não conseguirá encontrar o que gera a própria passagem no mundo “A”, donde a necessidade de uma ingerência do sistema “B” no sistema “A”. Donde, igualmente, a importância do discernimento, até mesmo da sagacidade, no candidato à iniciação.

Essa noção de ingerência se exprime perfeitamente nas estruturas piramidais das sociedades secretas e na articulação natural existente entre os três grandes tipos funcionais de sociedades secretas.

Tipologia Funcional das Sociedades Secretas

As sociedades secretas assumem três funções particulares, nitidamente distintas, porém complementares: exotérica (ou exoesotérica segundo alguns autores), mesotérica, esotérica.

Na sequência iremos descrever cada uma dessas características particulares.

Sociedades de Tipo 1: Função Exo-Esotérica

Essa função, na realidade exotérica, é, antes de mais nada, de natureza terapêutica. Consiste em restabelecer no indivíduo o alinhamento, a congruência, entre o corpo, a emoção e o pensamento. Trata-se muito de reconciliar o indivíduo consigo mesmo e com seu meio-ambiente. Tal função implica igualmente um componente cultural não negligenciável, o indivíduo é convidado a estudar, meditar, e, se possível, integrar, um modelo de mundo, qualificado de espiritual, que lhe permite encontrar uma resposta satisfatória para o aspecto mental, tranquilizadora para o coração, para os grandes problemas que a vida não deixa de lhe colocar.

Essa função, importante para o indivíduo que dela se beneficia, é igualmente reguladora no plano social. Ajudando o indivíduo a encontrar um equilíbrio no mundo tal como ele é, as sociedades secretas desse tipo favorecem a estabilidade e a lenta evolução dos sistemas políticos, econômicos e sociais dominantes.

A totalidade das sociedades secretas exteriores, mas ainda se pode falar de sociedades secretas, assumem essa função exo-esotérica.

Sociedades de Tipo 2: Função Mesotérica

Essas sociedades, menos numerosas e mais restritas, constituem já verdadeiras escolas tradicionais. Esforçam-se, efetivamente, para dar a seus alunos as qualificações básicas indispensáveis para pretender abordar uma via real. Tais qualificações podem variar segundo as correntes tradicionais, assim como na corrente rosacruziana o conhecimento e o domínio do Trium Hermeticum será exigido, a saber: a alquimia, a astrologia e a magia, segundo o eixo da cabala (organizações espiri-

tualistas, como a AMORC, que não abordam a questão fundamental da alquimia operativa, nem nenhuma das outras ciências de Hermes podem, em caso algum, pretenderem-se rosacruzianas). Duas constantes vão caracterizar essa função e se encontrarão invariavelmente em todas as organizações desse tipo:

A experimentação do universo como “resposta” a uma vontade comandante. Obter resposta do universo é, na verdade, a qualidade, senão a definição, do Mago, aquele que, sendo vontade, faz com que o universo responda (referir-se à obra de Giordano Bruno, e a *Eros et Magie à la Renaissance* (Eros e Magia no Renascimento) de Culiano).

A busca do estado objetivo. A fim de ilustrar o que entendemos por estado objetivo, ou despertar, citaremos aqui um trecho da notável obra de Oúspensky “Fragmentos de um ensinamento desconhecido” (Stock, Paris, 1974, p. 206).

“O terceiro estado de consciência é o apelo a si mesmo, ou consciência de si, consciência de seu ser próprio. É habitualmente admitido que nós temos esse estado de consciência ou que podemos tê-lo à vontade. Nossa ciência e nossa filosofia não viram que nós não possuímos esse estado de consciência e que só o nosso desejo é incapaz de criá-lo em nós mesmo, por mais nítida que seja a nossa decisão”.

“O quarto estado de consciência é a consciência objetiva. Nesse estado, o homem pode ver as coisas como elas são. Por vezes, em seus estados inferiores de consciência, ele pode ter lampejos dessa consciência superior. As religiões de todos os povos contêm testemunhos sobre a possibilidade de um tal estado de consciência, que elas qualificam de “iluminação”, ou de diversos outros nomes, e dizem ser indescritível. Mas a única via correta para a consciência objetiva passa pelo desenvolvimento da consciência de si. Um homem comum artificialmente levado a um estado de consciência objetiva e em seguida

levado de volta a seu estado habitual, não se lembrará de nada e pensará simplesmente que perdeu a consciência por um certo tempo. Mas, no estado de consciência de si, o homem pode ter lampejos de consciência objetiva e guardar a sua lembrança”.

“O quarto estado de consciência representa um estado completamente diferente do precedente: é resultado de um crescimento interior e de um longo e difícil trabalho sobre si. No entanto, o terceiro estado de consciência constitui o direito natural do homem tal como ele é, e se o homem não o possui é unicamente porque suas condições de vida são anormais. Sem exagero algum, pode-se dizer que na época atual o terceiro estado de consciência só aparece no homem através de breves e raríssimos lampejos e que é impossível torná-lo mais ou menos permanente sem um treinamento especial”.

“Para a grande maioria das pessoas, mesmo cultivadas e pensantes, o principal obstáculo na via da consciência de si é o fato de elas crerem que a têm...”

Essa referência a um estado de ser central, a um eixo do mundo, a um Reino do Centro, é comum a todas as tradições, sendo de importância considerável. Assim, o Mestre Maçom é recebido na “Câmara do Meio”, referência a um Reino do Centro, acessível àquele que pode parar de pensar o universo pelo jogo das múltiplas representações para perceber o universo, deixar o mundo diluente do ter e do fazer por aquele do ser. O processo de apelo a si mesmo provoca uma destruição das identificações e das cristalizações mentais; por conseguinte, as crenças que sustentam a personagem profana, a Persona, a máscara, vão ser destruídas no decorrer dessa busca do ser. Pouquíssimos estão prontos para perder as imagens que têm de si mesmos e do mundo, produtos de seus condicionamentos múltiplos, fonte de seus sofrimentos, mas também de alguns efêmeros prazeres.

Vemos, portanto, que pouquíssimas organizações assumem essa função e convidam seus membros a desencadear este processo.

Sociedades de Tipo 3: Função Esotérica

Provavelmente, o qualificativo iniciático só se aplica a esse terceiro tipo de sociedades secretas. Tais sociedades, o mais das vezes colegiais, são concebidas como verdadeiros laboratórios de pesquisas. Conduzem seus adeptos às fases terminais das Vias reais, Via de Despertar, Via do Corpo de Glória, Via da Pedra em Vermelho, Via Essencial, Via Extrema, são numerosas as denominações para designar essa fase em que o indivíduo liberto de tudo o que é humano, liberto até mesmo da libertação, ascende realmente à Imortalidade consciente e se torna um deus, em vista de seu antigo estado de humano. Nesse estágio, é quase impertinente falar de organizações ou de sociedades, criações humanas; seria mais adequado o termo Linhagem, *Ordo*, no sentido sacerdotal do termo (restam, no Ocidente, alguns círculos muito fechados de responsáveis de organizações tradicionais, de experts, de depositários das Vias internas, pertencendo às correntes maçônicas egípcias, rosacruzianas (antigos filões R+C), martinistas, gnósticas, pitagóricas, hermetistas... as mais representativas da Tradição. Operam, notadamente, pela manutenção das regras tradicionais, pela primazia do Iniciático sobre o profano, no próprio âmbito das sociedades secretas, sejam elas de caráter exotérico, mesotérico, ou esotérico, recusando todos os compromissos aos quais nosso século de facilidades deu lugar). A relação entre o Instrutor e o aluno, ou o discípulo (aquele que aplica a disciplina), constitui a base dessas Sociedades muito fechadas, cujos nomes são raramente pronunciados, e que permanecem desconhecidas, mesmo pelos historiadores do esoterismo.

Em alguns casos, menos raros do que se po-

deria pensar, as Linhagens, veículos das Vias secretas, são preservadas em tradições familiares, muitas vezes famílias de aristocratas ou de religiosos, mas não necessariamente e cada vez menos. A família concebida como escola iniciática é, na verdade, um conceito muito tradicional. Assim, o mestre indiano Krishnamacharya, depositário da filiação pitagórica indiana, desenvolveu todo um ensino visando fazer da família uma escola esotérica. Na Itália, famílias aristocráticas de Veneza ou de Florença eram depositárias de um segredo iniciático. Viliers de l'Isle Adam fala disso explicitamente em seu romance policial *Isis*. Até hoje, é somente no círculo restrito da família, por vezes aberto a alguns amigos próximos, que, por razões técnicas, algumas operações secretas podem ser praticadas (Via de Erim, Via de Afrodite Vermelha, Via shivaísta do Deus Azul, Tradição Rosa+Cruz Lascaris, por exemplo), assim como no passado ou na antiguidade era o caso nas famílias de khan ou nas famílias faraônicas.

Tipologia Estrutural das Sociedades Secretas

A esses três grandes tipos de sociedades secretas correspondem, o mais das vezes, três tipos de estruturas:

Estruturas externas, facilmente acessíveis, tendo em geral sede própria, ostentando por vezes um poder financeiro surpreendente.

Estruturas semi-internas, chamadas por vezes também de sociedades de quadros, muito discretas, mas no entanto presentes, conhecidas dos especialistas.

Estruturas internas, inatingíveis, muito flexíveis, porque são mais organismos vivos do que organizações.

As relações entre essas estruturas são ricas em modelos variados e por vezes contraditórios e foram brilhantemente expostas num

estudo publicado na obra de Michel Monereau, *Magie et sociétés secrètes*, estudo ao qual remetemos o leitor.

As Oscilações da Cena Maçônica e Ocultista

Existe, constata-se, uma articulação natural entre as funções exotérica (ou exoesotérica), mesotérica, e esotérica. Tal articulação não se manifesta na cena tradicional, maçônica e ocultista, nas relações entre as sociedades de tipo 1, 2 ou 3. Uma das tentações das sociedades exotéricas, que o mais das vezes recrutam pessoas amplamente, numa lógica quantitativa, reside em sua pretensão em assumir a função iniciática. Ocorre que há uma contradição pungente entre a iniciática e o hedonismo pessoal apregoado por essas sociedades, assim como entre o número de seus adeptos e as exigências do processo iniciático. A busca da felicidade se situa nos antípodas da Busca iniciática. Seria perigoso para o pesquisador crer que as sociedades secretas desse tipo propõem vias de libertação. Úteis, como vimos, por seu caráter terapêutico, elas se transformam em via de entorpecimento a partir do momento em que pretendem ter uma função que não poderiam assumir. Mais ainda, ao tomar em prestados abusivamente os nomes a ordens iniciáticas semi-internas e internas, elas obrigaram estas últimas a se ocultar cada vez mais, algumas por vezes escapando por pouco de desaparecer. É a razão pela qual todas essas derivações, que cada um poderá facilmente reconhecer, sempre foram denunciadas por personagens bastante diversos, a exemplo de Émile Dantinne, Jean Mallinger (que havia combatido a AMORC), Giulano Kremmerz, Louis Cattiaux e muitos outros hermetistas de valor.

A articulação natural entre as funções gostaria que as sociedades do tipo 1, exotéricas e externas, confiassem seus elementos mais prometedores às sociedades do tipo 2. Os

que tivessem atravessado as dificuldades inerentes a uma autêntica preparação poderiam, então, abordar as Vias reais sob a conduta de instrutores qualificados numa sociedade do tipo 3. Esse esquema ideal parece que só funciona raramente, apesar dos esforços reiterados de algumas Ordens iniciáticas, de caráter verdadeiramente esotérico, para suscitar o surgimento de organizações exteriores sérias, assumindo conscientemente o trabalho pré-iniciático. A articulação entre as funções só se aplica, o mais das vezes, hoje, a incondicionais que, bagunçando estruturas e idéias recebidas, adotam a atitude heróica, e forçam a natureza a lhes entregar as chaves da Via, visto que nenhum humano, nenhuma sociedade parece poder ajudar-lhes nisso. Mas poderia ser de outra forma em Kali-yuga?

O Caso da Franco-Maçonaria

A Franco-Maçonaria oferece uma multidão de casos figurativos, muito diferentes uns dos outros. Antes de mais nada, em geral, as obediências maçônicas constituem em geral as mais estáveis e as mais úteis organizações externas. Ignorando, na maioria dos casos, a existência e a função de ordens mais internas e de caráter mais hermetista, elas não deixam de ser a antecâmara destas últimas.

No cerne da Franco-Maçonaria, os Ritos Egípcios têm um lugar à parte. Durante muito tempo, os Ritos Egípcios funcionaram exclusivamente como sistema de altos graus. Hoje, a Ordem de Memphis Misraïm, que se tornou uma grande obediência maçônica, como o Grande Santuário Adriático do Rito de Misraïm e Memphis, que ficou por muito tempo confidencial, abrem Lojas azuis. As ordens semi-internas, a exemplo da Ordem Martinista, a O : H : T : M : (Ordem Hermetista Tetramegista e Mágica ou Ordem Pitagórica), e de algumas outras, foram consideradas, por vezes concebidas, como devendo aperfeiçoar a Franco-Maçonaria, pelo menos observar os seus melhores elementos a fim de dirigi-los para estruturas mais internas,

suscetíveis de qualificá-las para as “altas ciências”. É mais do que nunca o caso da Franco-Maçonaria, que constitui ainda uma escola preparatória a correntes mais hermetistas, tanto na Europa continental, quanto nos países anglos-saxões (a SRIA, *Societas Rosicruciana in Anglia* recruta, por exemplo, na Maçonaria) ou sul-americanos (caso das organizações da ex- F.U.D.O.S.I., sempre presentes no continente sul-americano). Contudo, se o desprezo pela Franco-Maçonaria estampado por personagens como Jean Mallinger é ainda partilhado por alguns, a maioria dos membros dos colégios semi-internos e internos conservou um profundo respeito pela Maçonaria, inclusive pelos graus azuis. Muitos pensam que manifestando todo o valor simbólico e operativo de cada grau, a Franco-Maçonaria constitui mais do que uma “simples escola primária de Iniciação”. Aliás, muito discretos e pouco conhecidos, as Lojas, Capítulos e outros Areópagos reunindo estudantes sinceros e especialistas do hermetismo, são menos raros do que em geral se crê; encontram-se na maior parte dos ritos, na maior parte das obediências, o mais das vezes onde menos se espera.

O Rito Escocês Retificado é igualmente um rito particular, funcionando por vezes como uma ordem semi-interna que conduz a uma operatividade secreta (a da Ordem dos Elus Cohens). Viu-se, assim, algumas Lojas do R.E.R. recrutar em ordens martinistas.

Na quase totalidade das ordens semi-internas, o domínio maçônico é exigido, o que demonstra a importância da maçonaria para a compreensão dos corpus diversos que essas organizações propõem.

Algumas Experiências

Bem-Sucedidas

Há, no entanto, alguns exemplos de colaboração bem-sucedida entre organizações externas, semi-internas e internas. O caso mais

conhecido é o do sistema instituído por Robert Ambelain, e amplamente desenvolvido por Gérard Kloppel, seu sucessor. A Ordem de Memphis-Misraim se tornou hoje uma organização maçônica importante, membro do C.L.I.P.S.A.S., da qual alguns membros podem ser convidados a juntar-se à Ordem Martinista Iniciática. Encontra-se igualmente no sistema Ambelain uma Ordem dos Elus Cohens e uma estrutura terminal reunindo várias filiações, dentre as quais a Rosa+Cruz do Oriente. O conjunto continua funcionando bem graças a uma forte centralização, e isso apesar dos problemas inerentes à estrutura maçônica que se tornou importante demais para continuar sendo um componente estritamente tradicional, com o surgimento de novos móbéis. Assinalemos que a Tradição Ambelain é manifestada igualmente por outros colégios internos, que aí reuniram o conjunto das filiações, reais ou desejosas, mas que as desenvolvem segundo uma concepção diferente e muita reservada, por vezes como complemento a outras filiações hermetistas.

A Sociedade *Rosicruciana in Anglia* constitui a sociedade secreta da Grande Loja Unida da Inglaterra. Na França é naturalmente na G.N.L.F. que essa sociedade rozacruziana recruta. Parece, todavia, que, com apenas algumas exceções, os membros da S.R.I.A. se desinteressam hoje pelo hermetismo.

Um dos casos mais interessantes reside na tentativa feita no começo do século por alguns adeptos da Ordem de Osiris. A Ordem de Osiris recrutava habitualmente entre os membros dos *Arcana Arcanorum* Maçônicos, isto é, nos quatro últimos graus do Rito Maçônico Oriental de Misraim ou do Egito, escala de Nápoles. Mas não sendo esse sistema hoje satisfatório, Giuliano Kremmerz (1868-1930) criou a Fraternidade Templária e a Fraternidade de Myriam. A F+T+M+M foi uma notável organização preparatória às atividades osirianas, mesmo que algumas eminentes personalidades dessa corrente, como o Príncipe Caetani e o próprio Kremmerz no fim da vida, tenham considerado a criação da

AF+T+M+M como um erro. A F+T+M+M+ assim como a Ordem de Osíris têm sobrevivências atuais (dentre as quais a do mestre Hugo Cisaria de Bari que pôs à nossa disposição arquivos autênticos da Ordem de que ele é depositário).

Os Arcana Arcanorum

Os *Arcana Arcanorum*, que têm feito derramar muita tinta bem maldosa a seu respeito nesses últimos anos, criando assim um mito bastante inútil, constituem os graus terminais de várias ordens semi-internas, ou ainda as práticas “terminais” de vários sistemas tradicionais.

Convém distinguir o sistema dos A.A.. Os A.A. estão também presentes na O: : H: : T: : M: : e em outras Ordens ou Colégios hermetistas. Os *Arcana Arcanorum* são definidos por Jean Pierre Giudicelli de Cressac Bachelierie, em seu livro, *De la Rose Rouge à la Croix d'Or*, Éditions Axis Mundi (Paris - 1988), na página 67: “Esse ensino concerne a uma teurgia, isto é, a fazer uma relação com eons-guias que devem tomar a vez para fazer compreender um processo, mas também uma via alquímica muito fechada que é um *Nei Tan*, isto é, uma via interna.”

Os *Arcana Arcanorum* maçônicos parecem ser, na realidade, mais do que os graus terminais da maçonaria egípcia, a introdução num outro sistema. De fato, não encontramos até hoje nenhum responsável de organizações tradicionais, maçônicas e outras, que detenham a totalidade do sistema, a maioria chega até mesmo a ignorar o conteúdo real dos A.A.. Os A.A. constituem na verdade uma qualificação para outras ordens mais internas, apegadas à corrente osiriana ou pitagórica ou ainda à corrente dos antigos Rosa+Cruzes, a exemplo da Ordem dos Rosa+Cruzes de Ouro de sistema antigo, da Ordem dos Irmãos Iniciados da Ásia, e de outras, que permaneceram desconhecidas, escapando, assim, da pesquisa histórica e, sobretudo, dos pro-

blemas humanos. Jean Pierre Giudicelli de Cressac Bachelierie, fazendo referência a Brunelli, confirma em seu livro, já citado, *De la Rose Rouge à la Croix d'Or*, na página 79, que os A.A.. constituem de fato a introdução a outras ordens: “Como indicou o G.M. Brunelli em sua notáveis obras sobre os ritos de Misraim e Memphis, outras ordens se sucedem aos *Arcana Arcanorum*. Mais saímos aqui do aspecto maçônico para descobrir quatro ou cinco outras ordens (Grande Ordem Egípcia, Ritos Egípcios, assim como três outras que não podemos mencionar).” Ademais, algumas organizações tradicionais, não utilizando a denominação *Arcana Arcanorum*, detêm totalidade ou parte do conjunto teúrgico dos A.A., caso, por exemplo, da Ordem do Aurum Solis, que constitui uma emanção da Escola de Florença e não tem nenhum vínculo, contrariamente ao que alguns afirmam, com a corrente anglo-saxão da Golden Dawn.

O sistema completo dos *Arcana Arcanorum*, do qual a maçonaria egípcia só deteria, portanto, uma parte, comporta de fato três disciplinas:

Teurgia e Cabala Angélica: com notadamente as invocações dos 4, dos 7, e a grande operação dos 72.

Alquimias metálicas: entre diferentes vias, os documentos que possuímos parecem dar prioridade à via do Antimônio, mas outras vias, notadamente a via da Salamandra, parecem constituir um elemento central desse sistema, pois pertence ao mesmo tempo à vida externa e à via interna.

Alquimias internas: segundo as correntes internas, as vias praticadas diferentemente, menos tecnicamente do que por seus ambientes filosóficos e míticos respectivos, por vezes totalmente opostos. As alquimias internas, bem como aliás as alquimias metálicas, encontrariam sua origem no Oriente, e mais particularmente, segundo Alain Daniélou, no Shivaísmo. Quaisquer que sejam, fazem parte

da herança tradicional ocidental há pelo menos dois milênios, como atestam alguns papíros egípcios.

É claro que é nesse último aspecto das alquimias internas que se encontram os aspectos mais especificamente osirianos dos A.A.. É provável que na Idade Média e no Renascimento, esse sistema fosse exclusivamente egípcio-caldeu; seria pouco a pouco, e principalmente em seus aspectos mágicos e teúrgicos, que o sistema teria sofrido em algumas estruturas tradicionais uma “cristianização” ou uma “hebraização”. Encontra-se, por vezes, a esse respeito, a expressão “cristianismo caldeu”.

Como conclusão a essa introdução, incitação à viagem no Mundo Secreto, convém lembrar o caráter heróico da Busca, atestado por todas as sagas. Todas as Tradições descreveram as Vias reais por metáforas guerreiras. Isso não é somente uma figura de estilo, é a indicação precisa das qualidades requeridas para partir ao assalto da Cidadela do Ser. O conhecimento é Ciência e Arte: Ciência, pois cada fase é verificável, experimentalmente; Arte, pois o adepto é um criador, não é mais simples ator deste mundo, mas realmente

seu criador e seu ordenador.

Bibliografia sucinta para aprofundar a filosofia do ocultismo e do hermetismo, bem como a história e a especificidade das sociedades secretas presentes ou ativas no decorrer do século XX:

Robert Amadou, L'occultisme, esquisse d'un monde vivant, Éditions Chanteloup, Paris, 1987.

Giuliano Kremmerz, Introduction à la science hermétique, Éditions Axis Mundi, Paris, 1986.

Massimo Introvigne, Il cappello del mago, Sugarco Edizioni, 1990.

Serge Caillet, Sâr Hiéronymus et la F.U.D.O.S.I., Cariscript, 1986.

Pierre Barrucand, Les sociétés secrètes, entretiens avec Robert Amadou, Éditions Pierre Horay, 1978.

Jean-Pierre Giudicelli de Cressac Bachelerie, De la Rose Rouge à la Croix d'Or, Éditions Axis Mundi, Paris, 1988.

A Fome no Deserto segundo Jacob Boehme, por Pierre Deghaye

O deserto que queremos evocar é aquele no qual Jesus foi tentado. Recordemos o relato de Mateus, IV: “*Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. E aproximando-se dele o tentador, lhe disse: Se és Filho de Deus, diz a estas pedras que se tornem pão. Mas ele respondendo, disse: Escrito está: Não só de pão vive o homem, mas com toda palavra que sai da boca de Deus*”.

A tentação de Cristo no deserto é uma verdadeira prova. Boehme a coloca ao lado da prova do deserto à qual Deus submeteu seu povo, e que o capítulo VIII do Deuteronomio

narra nestes termos: “E lembra-te de todo o caminho por onde te trouxe lahweh teu Deus estes quarenta anos no deserto, para afligir-te, para provar-te, para saber o que estava em teu coração, se tinhas de guardar ou não seus mandamentos. E te afligiu e fez-te ter fome, e te sustentou com maná, comida que não conhecias, nem teus pais a tinham conhecido, para fazer-te saber que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca de lahweh viverá o homem”. Em ambos os casos, o deserto é o lugar em que se aguça a fome. Mas, de quê natureza é esta fome? Qual alimento a sacia? Que pão? Nem só de pão viverá o homem, mas com toda palavra que sai da boca de Deus. Agora, esta

palavra é em si mesma um pão. É o maná caído do céu, e o maná é um pão. Quando o desejamos, é deste pão que temos fome.

Segundo Boehme, Cristo tem fome, mas se alimenta durante seu jejum. Sua fome não é simplesmente consequência deste jejum. Segundo a Escritura, Cristo jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e depois teve fome. Para Boehme, Cristo teve fome durante todo o tempo passado no deserto. E durante esses quarenta dias nos quais foi tentado, recusou o pão que lhe oferecia o diabo enquanto se alimentava do maná celestial, que é o pão descido do céu. Eis aqui como Cristo sofreu a prova do deserto imposta aos israelitas. Os quarenta anos de Israel se converteram nos quarenta dias de Cristo.



Cristo tem fome do maná divino. O demônio quer provocar nele outro apetite. Que alimento lhe propõe? Um pão que não é nosso pão cotidiano, que não é o fruto da terra. É o pão do diabo, que é o produto da magia. O desejo deste pão arderia, não seria já a expressão de uma necessidade natural. Seria o fogo que, quando se apodera do homem, transforma-o à imagem do demônio.

No deserto, Cristo é solicitado por ambos os desejos. Deve escolher entre o pão de Deus e o pão do diabo. Volta-se resolutamente para Deus. A fome de Deus prevalece sobre a fome do diabo. Não obstante, antes desta vitória, Cristo sustenta um combate heróico. Ele é o que serão os homens soldados de Cristo. É o herói, o cavaleiro que lutará contra a Morte e o diabo. Sua vitória do deserto prenuncia aquela que será consegui-

da sobre a cruz e na tumba.

Cristo é o primeiro homem que sai vitorioso deste combate. A prova à qual se submete se repetirá na alma dos homens que virão depois dele. O acontecimento que se propõe à nossa meditação tem, assim, um valor de exemplo. A vitória de Cristo sobre o diabo é a primeira afirmação da fé depois do batismo.

Boehme assinala a relação entre o batismo de Cristo e a prova do deserto. O batismo de Cristo será também o nosso. Falaremos, pois, do nascimento do fiel à verdadeira fé. Este fiel sofrerá em si mesmo a prova do deserto depois de ter sido batizado. E devemos precisar a natureza deste ba-

tismo, o nível no qual se situa. Veremos como nos faz aptos para sofrer a prova dos quarenta dias. Mas, para começar, recordemos brevemente como concebe Boehme a pessoa de Cristo.

*
**

Num estudo dedicado a Maria, mãe de Cristo, dissemos o que era Cristo no espírito do teósofo. O Cristo de Boehme é o homem perfeito, quer dizer, o homem habitado por Deus. Cristo não é Deus, é o nome Jesus que é Deus. O nome Jesus significa Deus sob o aspecto de seu amor. Cristo, filho de Maria, recebe este nome, que faz dele um homem divino. Isto significa que, nele, a presença de Deus se encarna numa substância que é a natureza perfeita. O corpo glorioso de Cristo, absolutamente distinto do corpo grosseiro do qual se revestiu para vir entre nós, é a objetivação dessa natureza perfeita. Agora, este corpo radiante de Cristo será

também o dos crentes que tenham nascido para a verdadeira vida. Cristo é simplesmente o primogênito destes crentes. Na verdade, ele o é na perfeita plenitude do cumprimento humano. Homem cumprido segundo a graça que se encarnou em seu corpo de luz, Cristo representa a natureza divina da qual os eleitos se fazem partícipes.

Cristo é homem nos dois níveis da humanidade que distingue Boehme. Por um lado, Cristo se revestiu de nosso corpo terreno. Boehme insiste muito sobre este ponto, é resolutamente hostil ao docetismo que nega a realidade desse corpo na pessoa do Salvador. Mas, por outro lado, Cristo é homem segundo seu corpo celestial. Esta dupla humanidade será a dos crentes que tenham o privilégio do segundo nascimento.

Antes de sua queda, Adão era, também, um homem de dois níveis. Tinha um corpo celestial e também um corpo como o nosso. Mas esse corpo não se fez visível até depois da queda, foi a atordoante nudez sobre a qual se fixaram os olhos de Adão e Eva. Antes existia, mas não era visível, pois a luz do outro corpo impedia que se manifestasse. Uma vez perdido o corpo de luz, apareceu o corpo tenebroso.

Cristo é duas vezes homem, como Adão antes de sua transgressão. Cristo é literalmente o segundo Adão e como ele, tem dois corpos. O problema consiste em saber qual dos dois prevalecerá, o corpo grosseiro ou o corpo glorioso. Para Adão, foi o primeiro. Para Cristo, será o segundo. Agora, isto não se pode determinar senão por uma prova. Para Boehme, não há santidade que seja dada inteira e de maneira definitiva. A santidade é o fruto de uma vocação, deve ser ganha. Cristo não é uma exceção, deve elevar-se à santidade à qual foi chamado. Não a realizará senão após o término de uma série de provas. A tentação do deserto é a primeira dessas provas que Cristo deverá enfrentar.

Adão foi provado mas, sem embargo, não

triufo. Sofreu uma única prova, que era a tentação que emanava do demônio, representado pela serpente. Segundo a letra da Escritura, a tentação de Adão se produziu depois do nascimento de Eva. Para Boehme, é anterior. O verdadeiro pecado de Adão se consuma no momento em que se abandona ao sono, e o nascimento de Eva é sua consequência. Quanto à tentação, durou todo o tempo de sua estada no paraíso. Esse tempo, diz Boehme, foi de quarenta dias. Vemos a similaridade entre a tentação de Adão pela serpente, que obrou sobre seus pensamentos desde antes do nascimento de Eva, e a tentação de Cristo pelo demônio no deserto. São duas provas das quais o número quarenta atesta a analogia. Boehme põe, de fato, Cristo na situação do primeiro homem. Isto causou indignação, tanto mais porque a teologia protestante da época punha, com gosto, em relevo a Divindade de Cristo. Agora, no espírito de Boehme, Cristo é uma criatura, como Adão. Se Cristo tivesse sido Deus, como Deus poderia tentar a si mesmo?

Cristo é uma criatura, mas com os dois corpos do homem, um mortal e outro que é o templo de Deus. A alma humana é o lugar em que coexistem as duas naturezas representadas por estes dois corpos. Por um lado, se fixa na matéria do corpo grosseiro e, por outro, se encarna no corpo de luz. Ser homem é possuir esta alma. Por isso, quando Boehme fala da humanidade de Cristo, não pensa tão só no nosso corpo mortal, mas principalmente nessa alma humana com a qual nasce o filho de Maria e que é, verdadeiramente, a nossa. É uma alma sensível como a nossa, do contrário, como Cristo teria podido dizer que sua alma estava triste até a morte? Entretanto, esta alma humana se encarna num corpo de luz, que é o templo de Deus.

Cristo é, pois, plenamente homem segundo todas as virtualidades que isso implica, mas também com todas as obrigações que se depreendem. Como todo homem, Cristo deve cumprir-se assumindo as provas que lhe são

impostas. Cristo deverá enfrentar combates e sair vitorioso, sem o que o homem não poderia responder à sua profunda vocação. Cristo é o primeiro de todos os cavaleiros, e sua Sabedoria cingirá a fronte do vencedor. Sua carreira será exemplar para todos os homens.

Estes combates acontecem no inferno. Mas, onde está o inferno? Está na raiz da alma humana, de toda alma humana. Revestindo-se da alma humana, Cristo se preparou para descer ao inferno. Desde então, estava voltado para o combate heróico contra as potências do inferno. Combater é afrontar provas em diferentes graus. A primeira destas provas é a tentação do deserto, ela prefigura a Paixão e a morte de Cristo. Corresponde à única prova sofrida por Adão, mas de maneira negativa. Cristo venceu no mesmo momento em que caiu Adão.

*
**

Perguntemo-nos agora o que tinha sido prometido a Adão e não se realizou por causa do pecado, mas que será dado ao Cristo vitorioso. Adão devia engendrar um filho, mesmo que Eva ainda não tivesse nascido. Esse filho devia ser à semelhança de seu pai, segundo sua natureza celestial. Só por ele, Adão devia gerar seu semelhante, segundo um modo espiritual de geração. Para distinguir este nascimento do nascimento do filho concebido pela mulher, Boehme designa-o como um nascimento sem rompimento. Todo ser gera seu semelhante segundo sua natureza, celestial ou terrena. O Adão celestial teria engendrado um anjo, segundo sua natureza angélica. Reduzido à sua natureza terrena, Adão engendrou Caim. O anjo que teria saído de Adão se este tivesse passado vitoriosamente pela prova dos quarenta dias nasceria, apesar de tudo. Seria o fruto da alma humana regenerada. Será o homem novo engendrado segundo a maternidade da alma.

Este homem novo será Cristo. Sem embargo,

o nascimento de Cristo é duplo. Por um lado, é um nascimento físico, segundo a natureza terrena do homem. Boehme não é totalmente doceta (termo que deriva de Docetismo (do grego δοκέω [dokeō], "para parecer") é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, considerada herética pela Igreja primitiva, que defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão, e que sua crucificação teria sido apenas aparente. Não existiam docetas enquanto seita ou religião específica, mas como uma corrente de pensamento que atravessou diversos estratos da Igreja), para ele, Cristo nasceu de uma verdadeira mulher. Por outro, o nascimento de Cristo é um nascimento espiritual. Cristo é engendrado pela Sabedoria, que estabeleceu seu trono na pessoa de Maria. Devido a este nascimento superior Cristo é, desde sua concepção, o homem novo. Mas, quando chega à terra, se encontra na situação de Adão, pois participa dos dois mundos. Se manterá no mundo celestial? Não se ensombrecerá no mundo inferior? A pergunta se mostra nos mesmos termos com respeito a Adão.

Cristo é o segundo Adão. O trajeto que percorrerá se concebe antes de tudo por analogia com o de Adão, que o precede. Mas é também a carreira exemplar para todos os homens por vir. E, nesta última perspectiva, aparece uma diferença. Adão e Cristo nascem com um corpo celestial e com um corpo terreno e ambos os corpos lhes são dados simultaneamente. Representam dois nascimentos que se cumprem no mesmo momento, que cronologicamente são apenas um. Não ocorre o mesmo com o homem que deverão imitar Cristo. Seus dois nascimentos serão espaçados, nascerão primeiro com um corpo terreno e depois, uma segunda vez, com um corpo celestial. O nascimento segundo o Espírito será para eles verdadeiramente um segundo nascimento. Uma vez nascido da Sabedoria no próprio momento de seu primeiro nascimento, Cristo, aparentemente, não tem necessidade de nascer de novo. Sem embargo, a carreira que vai cumprir se apresenta segundo a perspectiva

de um segundo nascimento e será, assim, exemplar para os homens. Mas, pode-se falar também de um segundo nascimento quanto a Adão? Cabe pensar que o nascimento do filho de Adão, segundo o Espírito, se tivesse se produzido na vida de seu pai teria sido de fato um segundo nascimento.

Com efeito, no nível do Espírito, engendrar é engendrar-se a si mesmo. Pela geração deste filho, Adão se teria cumprido à imagem da Divindade, que se engendra no Filho. Ainda que criado, como Cristo, com um corpo celestial, Adão não devia nascer de novo para que esse corpo fosse verdadeiramente soberano? Parece que todo homem, inclusive Cristo, deve engendrar-se uma vez nascido. Adão não podia escapar a esta lei: toda vida criada deve recriar-se para ter uma vida não perecível. De fato, Adão renasce em Cristo, a geração que devia cumprir-se durante sua vida é consentida. Adão morre, e seu segundo nascimento será em Cristo. Mas o segundo nascimento de Cristo não se cumprirá senão depois de sua morte. O verdadeiro segundo nascimento de Cristo é sua ressurreição.

Cristo é verdadeiramente homem e isto significa que se revestiu da alma humana, da nossa alma. Esta alma compreende o céu e o inferno. O céu é a substância na qual a alma é chamada a encarnar-se para converter-se no corpo do Espírito, o céu é a alma exaltada. Mas na raiz da alma se encontra a gehena. O movimento da alma, quando é positivo, vai do inferno ao céu. Nascermos todos no inferno, e não nos incorporamos a esse céu, que é nossa carne, até que nascemos de novo.



Nasceu Cristo no inferno? O seio de Maria é o inferno? Há duas mães em Maria. Por um lado, Maria se identifica com a Sabedoria descida sobre ela. A Sabedoria está na matriz de água viva que o anjo Gabriel animou com seu alento na pessoa de Maria. Esta matriz é o céu oculto sob a carne mortal. Ela é essa outra carne da qual se alimentará o corpo celestial de Cristo. Por outro lado, Maria é uma mãe mortal que concebe numa matriz de carne vil. O filho engendrado por esta mãe mortal é como um de nós.

O menino nascido de Maria tem uma alma humana. Verdadeiramente, em toda alma está o céu, essa quintessência que, despreendida da casca terrestre, pode produzir um corpo celestial. Sem embargo, o céu não é, em princípio, mais que a semente enterrada na terra e que deverá elevar-se. E na raiz da alma arde o fogo da gehena. Enquanto o céu não sair da terra, a alma humana não será senão esse fogo escuro, não será senão a natureza tenebrosa que se identifica com o inferno. No começo da natureza está o inferno, e a natureza é o corpo. Mas, antes de ser o corpo, a natureza é a alma. Compreendemos assim porque Boehme diz que, tendo-se revestido da alma humana, Cristo desceu ao inferno.

O encontro com o diabo não se produz somente no deserto. É o fato primordial da carreira terrena de Cristo. Não se pode dizer que no deserto o diabo vem do exterior ao encontro de Cristo. Está presente no mais profundo de sua alma humana e é aí onde se dá o combate. O que está em jogo nes-

te combate é um segundo nascimento. A alma humana de Cristo deve transformar-se para ser o corpo do Espírito. O paradoxo consiste em que, por um lado, Cristo parece nascer com esse corpo de luz, e, por outro, que deve renascer. É uma contradição que a simples lógica não poderia solucionar. A prova do deserto se apresenta, pois, na perspectiva de um segundo nascimento. É o combate heróico contra o princípio do mal. Cristo triunfará e o segundo nascimento será o fruto de sua vitória. Não obstante, para que Cristo possa vencer, é preciso que Deus sobre nele. Está em jogo a alma humana de Cristo, mas só a força do homem não poderia triunfar sobre o inferno. Graças à virtude infusa nele durante seu batismo, Cristo será forte o bastante para enterrar o dragão. Por esta virtude Deus atuará nele. Eis aqui a razão porque a prova do deserto e o batismo na água do Jordão são dois acontecimentos que devem ser considerados conjuntamente.

*
**

O batismo de água recebido por Cristo não é simplesmente um ato de obediência. Tem uma eficácia real sobre sua pessoa. Apresenta-se sob dois aspectos: primeiro é o batismo de arrependimento, dado por João, é o banho de regeneração que lava a alma de suas manchas. Cristo necessita deste batismo pois a alma com a qual chegou na terra deve ser purificada. Revestindo-se da alma humana, Cristo recebe todo o pecado com que ela, em sua universalidade, está manchada. Cristo toma sobre si o pecado do mundo. Para Boehme, isto significa que se faz plenamente culpado. Cristo não faz mais que substituir todos os homens pecadores para sofrer em seu lugar a cólera de Deus, para pagar sua dívida tolerando um sofrimento que só ele podia suportar. Cristo é, ele mesmo, a pessoa que cometeu o pecado de todos os homens e a este título se entrega à cólera do Pai. Seu arrependimento representa a plena medida da penitência que os homens deverão assumir depois para ser, como ele, regenera-

dos.

O batismo do Jordão é exemplar e os homens o receberão depois de Cristo. Não obstante, e Boehme o indica, este verdadeiro banho de regeneração não será o batismo administrado pelos sacerdotes. Não será o sacramento material. Mas o batismo de Cristo não é somente o batismo de arrependimento ou o banho de regeneração. Dado no invisível, se associa ao batismo recebido pelos discípulos no dia de Pentecostes. É o batismo de água, mas também o batismo de Espírito e de fogo. No pensamento de Boehme, os dois se confundem no mesmo plano do invisível. O batismo recebido por Cristo e o que dará a seus discípulos são um só e mesmo batismo. Cristo recebe este batismo único, e por ele se comunicará. O batismo de Cristo é, pois, ao mesmo tempo o que purifica e o que dá o Espírito de Deus. Graças a este dom, Cristo poderá assumir as provas às quais deve submeter-se. O dom do Espírito faz de Cristo um soldado, pois lhe dá a força e a coragem.

A força não é a violência, a força está na doçura da água. É a virtude nutritiva da água, que fortifica o coração e não se trata aqui da água visível. A água do batismo é o elemento primordial, é a substância perfeita habitada pela Sabedoria. Esta água é o céu. Esta preciosa substância será chamada a carne de Cristo. Sem embargo, é anterior à chegada do filho de Maria a este mundo, posto que a recebe no momento de seu batismo. A água do Jordão é o céu, é a carne espiritual da qual se alimenta o homem de desejo, e a que o engendra. A maternidade da alma, segundo a Sabedoria no seio de Maria, se renova na maternidade da água. Em virtude de seu batismo, Cristo é engendrado pela segunda vez, saindo da água do Jordão, Cristo nasce do alto. Mas este segundo nascimento não se cumpre nesse momento. Pela graça do batismo, a alma nova não nasceu senão em parte. O que é dado à alma é a força de converter-se. O segundo nascimento se constitui nas provas.

O batismo de Cristo não só dá a força, como desperta também o desejo. Ambas as coisas são uma. Com efeito, a força reside numa substância da qual a alma se alimentará para fazer sua própria carne. No entanto, o batismo não dispensa deste alimento de maneira habitual. Deus o dá para fazer que se deseje, o nascimento do desejo é o nascimento da verdadeira fé. O batismo de Cristo é o despertar do desejo, o batismo dá a Cristo a fome que o salvará no deserto. A graça do batismo é esta fome, a força de Cristo está em seu desejo. Sem embargo, este desejo devia ser dado por Deus, pois só o desejo dado por Deus é substancial. Esta é a razão profunda pela qual Cristo devia ser batizado.

*

**

Para Boehme, o desejo é a força primordial. Sua teosofia é essencialmente uma cosmogonia que se desenvolve no invisível. Agora, na origem do primeiro mundo, que é o da natureza eterna, encontramos o desejo. A vontade divina se converte em desejo, e então se forma esse mundo da natureza eterna no qual Deus se manifestará. O comentarista de Boehme poderia escrever: No princípio era o Desejo.

A natureza eterna é um vento que se transforma num corpo perfeito. Este vento é uma alma à qual Boehme chama “a alma eterna”. Esta alma primeira e universal é o modelo de todas as almas futuras, logo, também da alma humana revestida por Cristo. Mas, o que é esta alma? É o desejo.

O ciclo septiforme pelo qual se constitui a alma eterna é, em sua integridade, o ciclo do desejo. Neste movimento em sete graus, Deus se revela a si mesmo, assim como se dará a conhecer à criatura. Agora, para manifestar-se plenamente, Deus se busca. Deus não se revelará verdadeiramente até que se tenha encontrado. A busca de Deus por si

mesmo se manifesta em seu desejo da violência do fogo devorador, e depois na doçura da água. A busca de Deus por parte do homem, que é também a do homem por si mesmo, será a imagem destes dois desejos: primeiro é uma fome insatisfeita e dolorosa, depois é uma fome doce e ditosa. O ciclo septiforme implica duas fases, uma tenebrosa, outra luminosa, que se correspondem com os dois desejos. O primeiro desejo é um fogo negro e atormentado, o segundo é uma chama clara e tranquila. A passagem de um a outro se faz segundo o que se pode chamar a peripécia do desejo. Há que saber que sob estes dois aspectos contrários se manifesta o mesmo desejo. O primeiro desejo é um fogo devorador. Na Bíblia, esta expressão se aplica ao Deus indignado, mas Boehme a emprega também para falar do fogo da gehena. Em sua forma primeira, o desejo é uma voracidade que, alimentando-se de si mesma, se exaspera sem cessar por não ser senão um furioso torvelinho. Esse desejo não engendra mais que seu próprio abismo gerador de trevas e de terror. Não obstante, se produz uma conversão no ciclo primordial, uma metanóia semelhante àquela que se produzirá no homem no umbral da vida nova. É a conversão do desejo, o fogo escuro se transforma em luz.

Mas, que é esse fogo tenebroso? É um fogo que não ilumina, quer dizer, que não projeta nenhuma claridade. Quanto à luz que brilha na segunda fase do ciclo, é uma chama que não se extingue. O fogo que arde sem iluminar é o símbolo do desejo jamais saciado. A chama que ilumina e que jamais se extingue é o desejo eternamente completo. A primeira fase do ciclo da natureza eterna produz um fogo, o do inferno. Este fogo devorador é, antes de tudo, a expressão da cólera divina mas também é o da gehena. O inferno, que representa o castigo segundo a justiça, será uno com a cólera de Deus. Assim, em sua forma primitiva, o desejo, que é o fogo da natureza se relaciona, por sua vez, com esta cólera divina e com as angústias das quais é a causa no reino de Satã. A segunda fase do

ciclo é luminosa. A luz é sinônimo do amor. À cólera de Deus se opõe seu amor, simbolizado pelo nome de Jesus, dado ao filho de Maria. Ao desejo engendrado segundo a cólera sucede o desejo de amor.

O fogo se torna luz. Na água nasce a luz. A doçura da água primordial deve ser imaginada como um azeite, em razão da violência do fogo devorador. O furor se transforma numa força tranquila e expansiva. Não obstante, a água retém o fogo, que se espelha nela. A força extrema é destrutiva, não cria substância duradoura. Pelo contrário, a doçura da substância cria e por isso a água é nutritiva. A água dá ao fogo um corpo, que o fixa e no qual brilhará com o resplendor da luz. Esta expansão é a do verdadeiro desejo. Pela água do batismo, o desejo, que era um fogo devorador, muda de natureza. Em virtude da água, o desejo torna-se substancial, toma corpo em lugar de cavar sempre seu próprio abismo. É a fé que se encarna num corpo de luz. O desejo se implanta nesse corpo radiante, se fixa ao renovar-se eternamente, subsiste, pois é eternamente saciado. A substância está em sua permanência.

O corpo radiante que aparece no último grau do ciclo primordial, o sétimo, é o corpo do desejo. No homem, será o corpo da fé. Este corpo possui uma carne, que se chama carne celestial, e que é o pão dos anjos. O desejo, que o faz nascer eternamente, é a fome desta carne. Será a verdadeira fome de Cristo no deserto. O desejo de amor será a fé dos fiéis, que se encarnará nesta carne celestial. O corpo glorioso dos filhos de Deus será seu desejo de amor, que não se fará carne. O fim de toda vida espiritual será esta encarnação da fé. O ciclo da natureza eterna se repete nas almas humanas. O bem prossegue até seu termo, e a alma se cumpre segundo todas suas virtualidades, ou bem o homem desanda em seu caminho. Então o inferno que devia abandonar se reafirma sobre ele e o engole. A alma que se liberta do inferno desaparece em seu desejo de amor, come o pão dos anjos. Nela, a alegria venceu o ter-

ror. Pelo contrário, a alma que cai em seu fundo tenebroso será torturada eternamente por um desejo que jamais se fixará numa verdadeira substância. Jamais essa alma se estabelecerá verdadeiramente num corpo, será eternamente errante. Essa alma tenebrosa será a imagem de seu desejo: será semelhante aos demônios, que não possuem corpo porque são incapazes de encarnar-se. Sua fome jamais será saciada, será a fome do diabo.

Num dado momento do ciclo septiforme, que se situa no quarto grau, tudo se joga para a alma. Ela se encontra entre dois desejos, e deve escolher. É a escolha que se impôs a Cristo no deserto. Cristo escolheu o pão de Deus, pois teve fome deste pão e rejeitou o pão do diabo. A graça do batismo tinha dado a Cristo o gosto pelo pão celestial, assim despertou nele o desejo de amor. No entanto, a fome que sentiu se tornaria habitual. Depois da prova do deserto, Cristo comerá eternamente deste pão celestial, incorporará este alimento, que será sua própria carne. Ele mesmo será o pão de Deus, que se oferecerá aos homens. A partir de então, o pão celestial se chamará a carne de Cristo, não obstante, esta carne existe desde toda a eternidade.

*

**

Falamos da fome de Cristo e nos resta explicar o significado do deserto. Em primeiro lugar, o deserto é o lugar onde se produz o enfrentamento entre os dois desejos, segundo a alma humana de Cristo. O deserto é, ao mesmo tempo, o lugar frequentado pelo demônio e o lugar do cumprimento. Não é o Espírito Santo quem conduz Cristo ao deserto? Na Bíblia, o deserto aparece sob dois aspectos que aqui voltamos a encontrar. Por um lado, é um lugar de desolação, por outro, o deserto é o espaço da prova salvadora. Graças à prova do deserto as almas são batizadas. Mas a solidão do deserto significa também outra coisa.

Acabamos de evocar o que chamamos a conversão do desejo no ciclo primordial da natureza eterna. Isto significa que a um primeiro desejo, que é um fogo devorador, segue outro desejo, que se encarna num corpo de luz. O fogo se transforma em luz. A mesma conversão do fogo em luz marcará, na alma humana, o princípio do segundo nascimento. Com a luz, brota a verdadeira vida, a vida e a luz são um. Agora, nascer para a verdadeira vida é, antes de tudo, morrer. O nascimento da luz é a morte do fogo. Em verdade, no pensamento de Boehme, a morte jamais é a cessação da vida. Como seria possível, se antes da morte a vida não existia, propriamente falando? Da morte nascerá a vida. A verdadeira vida se engendra sob a aparência da morte. Sem embargo, há uma realidade na morte, há um fogo que morre para que outro nasça. O fogo que morre é o primeiro desejo, sua violência cai de golpe quando chega a seu paroxismo. É a peripécia do desejo. No mais forte de seu furor, o desejo se nega repentinamente, o torvelinho cessa. Justo antes, a chispa estalou, as trevas se rasgaram e agora o fogo negro dá lugar à luz. A natureza se faz luminosa, e com a luz é outro desejo que se ascende nela. É o desejo de amor.

Na criatura, o primeiro desejo é a vontade própria. Esta vontade não se nutre mais do que de si mesma. Sem embargo, não é capaz de estabelecer-se em si mesma. Sempre entra em si mesma, mas sempre se perde em seu próprio turbilhão. Por outro lado, num mundo criado onde reina a multiplicidade, toda vontade que não se afirma senão por si mesma é indubitavelmente discordante com respeito às demais. Não pode encarnar-se numa verdadeira substância, que não poderia ser somente a sua, pois é universal. Jamais se fixará numa carne que seja um símbolo de vida não perecível, por mais que se fixe, que se endureça, não engendra senão um corpo perecível. Para que a criatura se cumpra, é necessário que sua vontade própria se negue e que se abandone totalmente a outra vontade, que é aquela da qual procede a vida uni-

versal, no nível do Espírito. Não é verdadeira substância senão nesta universalidade, que é a plenitude. A criatura que quer não existir senão por si mesma, jamais será substancialmente ela mesma, jamais consentirá ser substancial. Para que a criatura nasça para a verdadeira vida, que é a vida substancial manifestada num corpo de luz, é preciso que a vontade própria desapareça na imagen do fogo que morre. No vocabulário da teologia mística alemã, este abandono se traduz com a palavra *Gelassenheit*. Boehme escreveu um tratado intitulado “Do verdadeiro abandono”, *Von der wahren Gelassenheit*. É significativo que o estado de perfeita submissão à vontade divina seja colocado em relação com a prova do deserto sofrida por Cristo.

A solidão do deserto é para Cristo um estado de total renúncia. Mas renunciar não é somente estar desapegado dos bens deste mundo, é, essencialmente, negar toda vontade própria para entrar na vontade de Deus. Renunciar é renunciar-se para abandonar-se plenamente a Deus. Por esse abandono, Cristo se alimentou: “Minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou”. Eis aqui, pois, o alimento com o qual Cristo se saciou durante os quarenta dias passados no deserto. Evocando de novo a tentação de Cristo no deserto, Boehme fala da alma que entra no Nada. O que é o Nada? Não é o abismo tenebroso do todo. O Nada é a virgindade do ser, prévia a todo rompimento. O desejo de amor é referido à claridade primeira que ainda não se obscureceu num nascimento, à pureza do ser que ainda não diz eu. Abolindo sua existência própria, morrendo a si mesma, a alma se torna totalmente disponível para nascer de novo, como se jamais tivesse nascido. Recobra sua virgindade de alma incriada para unir-se com a vontade divina primordial, anterior e transcendente a toda natureza. A solidão do deserto simboliza esta perfeito desnudamento da alma. O tempo da prova serve para confirmá-la. Tal é o sentido profundo dos quarenta dias do deserto.

**

O deserto, em Boehme, é infinitamente mais que um lugar terrestre, é um lugar da alma, que designa um estado num momento determinado do porvir espiritual. A vida de Cristo se cumpre como a dos homens que virão depois. Ela será o modelo. Na carreira terrena de Cristo, a prova do deserto se reveste de um grande significado. Se Cristo tivesse seguido as sugestões do demônio, teria transformado as pedras em pão. Este pão teria sido somente o produto de sua vontade própria, não teria sido nem o pão da terra, que Deus nos dá a cada dia, nem o pão celestial com que Deus sacia a alma. Teria sido um pão maldito.

Segundo uma idéia que, em Boehme lembra Paracelso, o homem tudo pode pela virtude de sua imaginação. No entanto, este poder pode ser exercido tanto para o melhor quanto para o pior. Para Boehme, e também para Paracelso, a imaginação não é simplesmente produtora de fantasmas, como se entende em nossos dias. No espírito do teósofo, a imaginação, o desejo e a fé são inseparáveis.

A vontade se manifesta pelo desejo, a força do desejo faz a fé e ela atua em nossos pensamentos. Agora, para Boehme, nossos pensamentos engendram uma realidade, boa ou má. O próprio Deus cria em e pelos Seus pensamentos. Deus criando em seus pensamentos é Deus usando sua imaginação. Imaginar é produzir uma imagem. Agora, tudo o que Deus cria se oferece à nossa percepção como uma imagem que não é um simples reflexo, mas a realidade. Tudo o que chamamos de real está numa imagem produzida pela imaginação divina. Toda realidade surge da imaginação de Deus, mas o homem também cria uma realidade que imagina. Ele a cria pela força de seu desejo, que é sua fé. Para Paracelso, todo homem pode, por sua fé, isto é, pela eficácia de seu desejo, mover montanhas. Mas a fé que não obedece a vontade de Deus é malvada. Igualmente, para Boehme, existem duas classes de fé e duas

classes de desejo: uma é de Deus, a outra é perversa.

Toda realidade se engendra pelo desejo. Isto significa que a magia está na origem de toda criação, o mundo nasceu da magia divina. O homem também exerce sua magia. Seu desejo se chama fé e se é suficientemente forte, será a fé que move montanhas. Agora, esta fé pode estar a serviço de uma magia perversa, cujo fruto será o pão do diabo. Quando a fé atua sob o império da vontade própria, é condenável.

Há para Boehme dois reinos que são simétricos: o reino de Deus e o reino de Satã. Em cada um deles se exerce um culto. O diabo tem seus adoradores, como Deus tem os seus. Há, assim, uma fé que está consagrada a Deus e outra dedicada a Satã. Usando de sua fé para transformar as pedras em pão, Cristo não teria satisfeito mais que sua própria vontade, teria se desviado de Deus, teria se tornado um mago, um necromante a serviço de Satã. No deserto, Cristo escolheu entre duas formas de fé, quer dizer, entre os dois reinos. Em si mesma, a solidão do deserto podia ser de um ou de outro. Representa o estado de extrema pobreza no qual o homem poderá ser tanto um asceta necromante filho de Satã como uma criança de Deus. Em si, a solidão do deserto é tanto o jejum do feiticeiro como o verdadeiro jejum da alma, que é um com a fome de Deus. Para Cristo, a vacuidade do deserto será o lugar da presença divina. Mais tarde, Cristo produzirá pães no deserto, e os homens se saciarão, será o milagre da multiplicação dos pães. Mas Cristo não fará milagres senão depois de ter-se submetido totalmente à vontade divina. A prova do deserto confirma esta inteira submissão, já manifestada pelo desejo de receber o batismo. Cristo multiplicará os pães em virtude da verdadeira fé, já não serão as pedras o que Cristo transformará em pão. As pedras são o símbolo da matéria grosseira e perecível, e o pão assim fabricado teria sido mentiroso, como tudo o que produz o diabo. É a própria pessoa de Cristo o que será trans-

formado em pão. A fé nos transforma no objeto de nosso desejo, Cristo se converteu no pão de vida. É sua própria carne o que oferecerá aos homens; por seu desejo de amor, Cristo se fez capaz de transmitir o maná com o qual se alimentou no deserto. Não somente foi julgado digno de recebê-lo de maneira habitual, ainda que sua ingestão se tenha interrompido, mais ainda, se transformou em seu corpo. Desde então, é neste corpo como se dispensa aos homens. Dizia o diabo: “Se es o Filho de Deus, faz com que estas pedras se transformem em pão”. Mas é porque Cristo, segundo sua alma humana, se converteu realmente em filho de Deus, que pôde produzir o pão, para oferecê-lo aos homens como dom de Si. A verdadeira fé não se afirma mais que no dom de si.

*
**

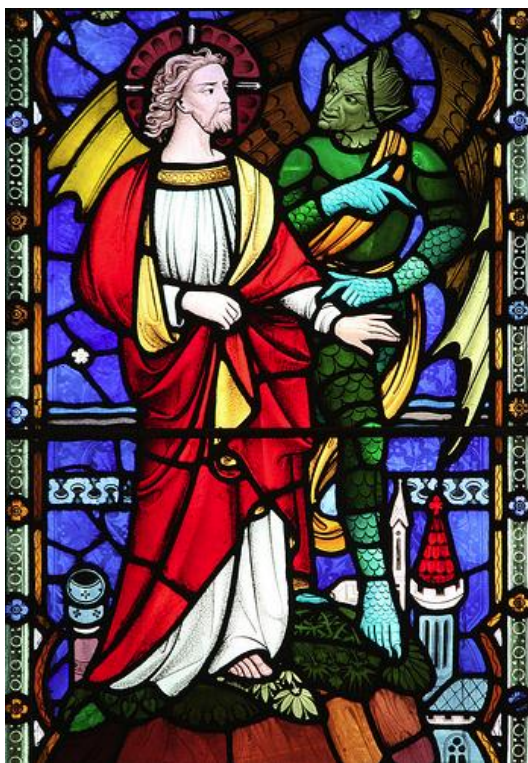
Explicamos o tema da fome no deserto em Jacob Boehme, situando-o em seu contexto, que é o da teologia mística. Se insere na idéia de segundo nascimento, que está no centro desta teologia quando é de origem cristã. O usual de Boehme é referir a idéia de segundo nascimento ao próprio Cristo, fazendo do filho de Maria já não o Filho de Deus no sentido das teologias dogmáticas, mas o modelo de todo homem que deverá nascer do alto. Cristo é, em sua pessoa, o sujeito deste segundo nascimento sobre o qual instrui Nicodemos no Evangelho de João: “Em verdade, em verdade te digo, ninguém, se não nascer de novo, pode ver o reino de Deus”. Agora, o privilégio do novo nascimento não é outorgado gratuitamente, é o fruto da fé que se encarna num corpo novo. Mas Deus não nos dá esta fé senão provando-nos. Cristo se submete às provas que os homens sofrerão depois dele quando sejam penitentes. A penitência de Cristo começa em seu batismo de arrependimento e prossegue no deserto. A penitência é uma conversão, o penitente se volta para Deus, manifesta seu desejo de unir-se a Deus. A prova do deserto assumida por Cristo o uniu a Deus de maneira indefectível,

a criatura será justificada pela penitência. Agora, para o teósofo, a justificação não é uma simples declaração em virtude da qual seríamos redimidos sem ser realmente transformados. Boehme o assinala recordando a prova do deserto. Cristo dá o exemplo da transformação radical e substancial do ser, sem a qual não poderia haver verdadeira vinculação com Deus.

O fruto da prova do deserto é a fome verdadeira de Deus, que é o signo desta vinculação. Ter fome de um alimento é desejá-lo mas, se desejamos um bem, não é porque estamos privados dele? Não, isto não é verdade do desejo de amor, que é a fome verdadeira e um desejo eternamente saciado. A verdadeira fome de Deus é o desejo de um bem que já recebemos, Deus o implantou em nós para que gostemos Dele. O que importa é que mantenhamos seu sabor, que não nos façamos insensíveis a Ele por infidelidade mas, quando tenhamos sofrido vitoriosamente a tentação do deserto, estaremos seguros de não perder esse gosto. O bem que Deus nos dispensa para fazer-nos desejar o desejo de amor é a graça. Para Boehme, a graça não é somente um favor, é verdadeiramente uma substância que nós incorporamos, que será em nós uma carne absolutamente distinta de nossa carne corrompida. Esta substância é a natureza divina, da qual nos fazemos partícipes. O escolhido cuja graça se tornou carne é um homem divino, quer dizer, um homem acostumado substancialmente a Deus. Tal como vemos no deserto, Cristo, filho de Maria, está em transição para tornar-se esse homem divino. Está plena e definitivamente participando da natureza divina pela fome de Deus, que lhe foi infundida no batismo e que deve resistir aos assaltos do demônio.

Antes de seu batismo, Cristo já era um homem divino pois, segundo seu nascimento superior, foi engendrado pela Sabedoria no seio de Maria. Sem embargo, chegou ao mundo com dois corpos, como Adão. Deverá definitivamente triunfar de seu corpo grosseiro e não ensombrecer-se projetando seus

pensamentos sobre ele, como fez Adão. Cristo deve confirmar seu divino nascimento, de fato, deve renová-lo. Cristo nasceu homem divino ao mesmo tempo que homem segundo nossa carne vil, não obstante, deve converter-se verdadeiramente nesse homem divino por meio de um novo nascimento. Esta será sua verdadeira encarnação. Cristo se converterá em homem na plenitude da humanidade. É esta encarnação numa carne espiritual o que significa a palavra *Menschwerdung*.



Ao mesmo tempo em que reveste nosso corpo terreno no ventre de uma mortal, Cristo se encarna uma primeira vez na matriz de água viva que é a morada da Sabedoria em Maria. “Se fez homem”, quer dizer, um homem celestial separado do homem terreno, mas esta encarnação se renova. Uma segunda vez, Cristo se faz um homem de luz, se encarna num corpo glorioso. Desta vez, será definitivamente o templo de Deus habitado pela Sabedoria, já não estará exposto à queda como Adão, que, criado ele também com um corpo glorioso, não o manteve porque não assumiu a prova dos quarenta dias. A Sabedoria que abandonou Adão, permanecerá

eternamente unida a Cristo.

O demônio diz a Cristo: “Se es Filho de Deus, ordena que estas pedras se transformem em pão”. Cristo nasce Filho de Deus na matriz de água viva, mas deve chegar a sê-lo. Certamente, não o será no sentido em que o diabo entende, pois para este, ser Filho de Deus é ser Deus e exercer um poder ilimitado. Lúcifer também era Filho de Deus e quis ser Deus. Caiu da natureza divina, da qual era plenamente partícipe, mas sem ser Deus, pois nenhuma criatura poderia ser Deus. Quanto a Cristo, ocupa o trono abandonado por Lúcifer e sobre o qual foi depois instalado Adão, que não pôde mantê-lo. Cristo se consolidará neste trono convertendo-se plenamente no Filho de Deus que é por antecipação.

Para Cristo, ser Filho de Deus é ser criança de Deus e fazer oblação de sua pessoa. É esse sacrifício o que se cumpre no deserto e será consagrado na cruz.

*
**

Pierre Deghaye foi professor na Universidade de Caen, onde dirigiu o departamento de estudos germânicos. Além de seus trabalhos sobre literatura alemã, publicou obras sobre a história das idéias religiosas no seio do protestantismo alemão, em relação com a mística cristã e a filosofia da natureza. Dedicou-se fundamentalmente à teosofia de Jacob Böhme, Friedrich Christoph Oetinger e Franz von Baader. Na atualidade é colaborador do *Projet de recherche du patrimoine littéraire européen* da Universidade católica de Louvain. Seu trabalho mais importante é provavelmente *La naissance de Dieu ou la doctrine de Jacob Boehme*, Paris, Albin Michel, 1985.

É também autor de *La doctrine ésotérique de Zinzerdorf* (1969), *La Philosophie sacrée d'Oetinger* (Paris, Albin Michel, 1971), *Jakob Böhme* (1977, em colaboração com G. Wehr), e *Jacob Boehme ou l'obscur lumière*

de la connaissance mystique (Paris, J. Vrin, 1979, em colaboração com Heinz Schmitz, J.-L. Vieillard-Baron e outros). Recentemente realizou a tradução com comentários de *Philosophia sagax* de Paracelso, em Grasset. Numerosos trabalhos deste autor apareceram em publicações como *Cahiers de l'Hérmétisme*, *Cahiers de l'Université Saint Jean de Jerusalem*, *Les travaux de Villard de Honne-court*, *Cahiers du Groupe des Études Spiritu-*

elles Comparées, etc. Em castelhano, a revista *Axis Mundi* publicou em seu número 6 (II época) publicou seu artigo *La idea de carne espiritual* em Friedrich Christoph Oetinger, aparecido originalmente nos *Cahiers de l'Université Saint Jean de Jerusalem*, nº 13: *La matière spirituelle*, 1987. O presente texto foi publicado em *Cahiers de l'Université Saint Jean de Jerusalem*, nº 8: *Le désert et la ques-*te,, em 1982, Berg International Editeurs.

Os Rosa-Cruzes por Sédír

Há seres sedentos de amor e de sacrifício que, após séculos e séculos de lutas e obras, alcançado o ápice da Ciência e do Poder, reintegrados misticamente no esplendor original de sua condição de homens, não podem suportar o espetáculo doloroso de seus irmãos ainda perdidos nos laços da paixão e da ignorância. Isto os leva a serem reenviados à Criação e a participarem novamente de suas dores e de suas tentações. São missionários, os apóstolos, os místicos puros, os verdadeiros Rosa-Cruzes.

Ruysbroek, o Admirável, os chama de crianças secretas do Senhor. Sua doutrina é indizível, pois eles professam que não se deve saber nada sem estar antecipadamente convencido da própria ignorância. Seu livro é o Evangelho. Sua prática é a imitação de Jesus Cristo.

Essa teoria e essa prática parecem simples. No entanto, não há nada mais elevado a ser concebido e mais difícil de executar. As mais abstrusas especulações dos metafísicos hindus ou as autoridades mais espantosas de seus yogues desaparecem perante a terrível profundidade das máximas e dos ensinamentos evangélicos. Mas esses só podem ser compreendidos por quem já superou, com trabalho e sofrimento, a extremamente limitada natureza humana.

Falar dos Rosa-Cruzes é coisa por pouco quase impossível. Eles formam uma organização invisível. Não deram eles a si mesmos o

qualificativo de “invisíveis”? Cavalheiros do Espírito, eles nada relevam a não ser o Espírito, eles não podem ser conhecidos a não ser pelo Espírito. O Espírito é livre de toda limitação, os eleva além de toda contingência. Ele lhes nutre, lhes inspira, lhes conforta. Eles lhes ressuscita após cada uma das mortes inumeráveis que constituem a existência na relatividade dos apóstolos de Deus e de Seu Cristo.

Vivendo do Absoluto, eles vivem no Absoluto.

Eles próprios nos fazem compreender o mistério da união espiritual entre os irmãos através do espaço e do tempo, da união espiritual com seus pares e êmulos, discípulos do mesmo Mestre, devotados ao mesmo apostolado. Conforme o que o Cristo disse a seus discípulos: “Onde eu estiver, vós aí estareis”. Mas do mesmo modo que o homem sabe apenas captar a divindade em sua manifestação, os homens não podem perceber os Rosa+Cruzes, mensageiros divinos a não ser em suas manifestações.

“É sempre em um período crítico que se ouve falar neles. Eles chegam na época e no país onde uma forma social, tendo atingido sua completa realização, tende já a se alterar; quando os esforços lentos e contínuos do espírito humano, em vez de convergirem, como o tinham feito até então, na constituição e na afirmação de um organismo social, de um dogma religioso, de uma síntese cien-

tífica, começam a divergir e abalam o edifício construído pelas gerações precedentes” .

Seu nome é o de sua função. Eles podem se quiserem, serem invisíveis e incógnitos aos homens; se eles assim o desejarem, podem viver no meio dos homens e como eles; são livres, mas de todos modos, se apresentam àqueles a quem vieram socorrer.

Adotam os costumes dos países onde se encontram. E, com efeito, podem viver no meio dos homens sem risco de serem identificados; apenas seus pares os reconhecem por uma certa luz interior. Cristo disse: “O mundo não vos conhece”. É por isso que, quando eles mudam de país, mudam também de nome . Eles podem se adaptar a todas as condições, a todas as circunstâncias, falar a cada um em sua língua. Eles agem a fim de que o que eles têm a dizer ao mundo seja dito. Aqueles que escrevem ou falam seu nome exprimem tão fielmente quanto podem os pensamentos e as inspirações que lhes são transmitidas pela via espiritual.

Do mesmo modo, esses arautos do Absoluto não inspiram seus apologistas quando eles só se preocupam em refutar seus detratores. Esses, como aqueles, se comportam de acordo com o que são capazes de ver luz que têm diante de si.

“Estrangeiros e viajantes na terra”, não desejam nada do mundo, nem beleza, nem glória, nada além de fazer a vontade de Deus, eles querem levar os fardos dos fracos, reanimar os mornos, restabelecendo por toda a parte a harmonia.

Eles passam e o deserto torna-se um prado; eles falam e os corações se abrem ao apelo do Divino Pastor. Eles preparam o caminho para Aquele que deve vir. Mas quem conhecerá as fadigas, quem enumerará os martírios sempre desconhecidos que aceitam, em seu imenso amor, esses pastores do Pai, para conduzir as ovelhas indóceis que somos?

O grande Cagliostro o disse nestes patéticos termos:

"Eu venho do Norte, da bruma e do frio, abandonando por onde passo alguns pedaços de mim mesmo, me esgotando, me reduzindo a cada etapa, mas vos deixando um pouco de claridade, um pouco de calor, um pouco de força, até que eu seja, enfim, detido e parado definitivamente no fim de minha carreira, na hora em que a rosa florescerá sobre a cruz” .

Assim, eles têm passado imperceptíveis, no meio dos homens, para esclarecê-los e levá-los à Vida.

Eles são enviados para recordar às criaturas as palavras pronunciadas nos remotos séculos, para despertar nelas o eco, que tinha se extinguido, das vozes que fizeram vibrar antigamente os seus corações. Eles são enviados para trabalhar em prol da renovação espiritual, da obtenção por esforços cotidianos dessa luz que ilumina todo homem vindo ao mundo e que nós repelimos e obscurecemos pelos nossos egoístas desejos. Essa, eles têm dito, é a única via da regeneração individual e da redenção coletiva.

A iniciação cristã, com efeito, não tem por alvo, como as iniciações do extremo oriente a orientação metafísica de atingir um grau superior de Saber: seu alvo é a Vida.

Ora, a Vida é Amor e o pensamento é a imagem invertida da Vida. O amor é o único intérprete verídico da verdade: o amor é a sabedoria suprema, conforme com o que está escrito: “Aquele que ama Deus é aquele que conhece Deus” (I João, IV,7).

A organização interior da fraternidade não foi revelada, nem seus segredos. Esses se referiam, exteriormente, à transmutação dos metais, à arte de prolongar a vida, à descoberta de coisas ainda ocultas. Mas os Rosa-Cruzes se davam por magos a fim de mascarar seu verdadeiro pensamento, seu objetivo

primordial: a reforma do mundo, do qual eles eram os agentes predestinados. E isso que, por baixo de tudo, espanta o leitor dos escritos Rosa-Cruzes. Mais que os procedimentos que eles apresentavam para obter a pedra filosofal ou o elixir da longa vida, mais que o método que eles preconizavam para atingir certas fórmulas do saber, os Rosa-Cruzes levaram aos Europeus do século XVII arruinados pela guerra, divididos entre o catolicismo e o protestantismo, desagregados em sua mentalidade pelo espírito de crítica, palavras de concórdia e de apaziguamento.

No meio do egoísmo universal, eles recordaram aos homens que eles são irmãos, filhos do mesmo Pai; no meio da anarquia crescente, eles falaram do Libertador, eles repetiram que o Cristo desceu e que Ele retornará para reunir em um só coro Seus dispersos serviços.

Eis a mensagem trazida ao mundo pelos Rosa+Cruzes.

Elias Artista

A Rosa-Cruz essencial existe desde que há homens sobre a terra. Além do Sol que nos ilumina, há seis outros sóis ainda invisíveis que fazem viver a terra.

Nosso Sol amarelo tem o propósito de produzir a assimilação das funções vitais. Um outro Sol, o Sol vermelho, tem por ofício a construção dos corpos terrestres: ele rege a morfologia, as afinidades físicas, químicas, intelectuais, sociais. Esse Sol vermelho é a residência do ser que Paracelso, o primeiro aqui na terra o denominou de Elias Artista.

Elias Artista é o anjo da Rosa-Cruz.

Ninguém pode saber quem ele é, nem aquilo sobre o que ele repousa. Tudo o que se pode dizer é que ele é uma força atrativa, harmonizante e que ele tende a reunir os indivíduos em um só corpo homogêneo.

Eis como se expressa Stanislas de Guaita: “Elias Artista é infalível, imortal, além disso, inacessível, às imperfeições, como às impurezas e aos ridículos dos homens de carne que se oferecem a manifestá-lo. Espírito de luz e de progresso, ele se encarna nos seres de boa vontade que o evocam. Se eles tropeçam no caminho, eis que Elias Artista não esta mais neles”.

“Fazer mentir o verbo superior é coisa impossível, ainda que se possa mentir em seu nome. Pois cedo ou tarde ele encontra um órgão digno de si (nem que seja por um minuto), uma boca fiel e leal (nem que seja pelo tempo de pronunciar uma palavra)”.

“Por esse órgão de sua escolha ou por essa boca de coincidência, o que importa?”

“Sua voz se faz ouvir, potente e vibrante dessa autoridade serena e decisiva que empresta ao verbo humano a inspiração do Alto. Assim, são desmentidos na terra aqueles que sua justiça condenou no abstrato”.

“Guardemo-nos de falsear o espírito tradicional da Ordem; reprovados no alto na mesma hora, cedo ou tarde seríamos negados aqui em baixo pelo misterioso demiurgo que a ordem saúda pelo nome de: Elias Artista”.

“Ele não é a Luz; mas, como João Batista, sua missão é a de dar o testemunho a Luz da Glória, que deve se irradiar de um novo céu sobre uma terra rejuvenescida. Que ele se manifesta pelos Conselhos fortes e que ele derruba a pirâmide das santas tradições desfiguradas pelas heterogêneas camadas de detritos e de remendos que vinte séculos tem acumulado sobre ela! E que enfim, os caminhos estando por ele abertos para o advento do Cristo Glorioso, - sua obra estando concluída desaparecerá na névoa o precursor dos tempos vindouros, a expressão humana do Santo Paraclete, o “deimon” da ciência e da liberdade, da sabedoria e da justiça integrais: Elias Artista” .

Por outro lado, se quisermos encarar o sacerdócio de Melquisedeque, cujo sacrifício é a prefiguração da Eucaristia, teremos que nos recordar que os sacerdotes “da ordem de Melquisedeque” constituem não uma ordem social, mas um sacerdócio cujo sacramento, representado pelo pão e pelo vinho é o sacrifício de si mesmo ao próximo, por amor a Jesus Cristo e pela unidade com Ele.

Em nossa opinião, Elias Artista é uma adaptação do Elias Bíblico, que deve retornar no fim dos tempos, com Enoch, para desempenhar seu papel de testemunha do binário universal.

Seria prematuro dizer quem foi Elias Artista ou quem ele será. Tudo o que é útil saber é que esse nome designa uma forma do Espíri-

to da Inteligência.

É isso que entendiam os Rosa+Cruzes quando diziam que no dia C eles se reúnem em um local que se chama o Templo do Espírito Santo. Mas onde é esse lugar? Eles próprios não o sabem, porque, dizem eles, é invisível.

Nós nos permitimos indicar a nossos leitores, se eles quiserem aprofundar o estudo desse misterioso tema, de meditar na história de Enoch, pai simbólico da Rosa+Cruz, inventor da tradição e da ciência e construtor de monumentos dos quais a lenda lhe atribui a paternidade.

(Tradução do Capítulo II, págs.21-26 de “Les Rose-Croix”, de Sédir, Bibliotheque des “Amitiés Spirituelles”, Paris).

Contos Espirituais

Amor de Mãe

Uma criança pronta para nascer perguntou a Deus: Dizem-me que estarei sendo enviado à terra amanhã... Como vou viver lá, sendo assim pequeno e indefeso?

E Deus disse: Entre muitos anjos, eu escolhi um especial para você. Estará lhe esperando e tomará conta de você.

Criança: Mas diga-me: Aqui no Céu eu não faço nada a não ser cantar e sorrir, o que é suficiente para que eu seja feliz. Serei feliz lá?

Deus: Seu anjo cantará e sorrirá para você... a cada dia, a cada instante, você sentirá o amor do seu anjo e será feliz.

Criança: Como poderei entender quando falarem comigo, se eu não conheço a língua que as pessoas falam?

Deus: Com muita paciência e carinho, seu

anjo lhe ensinará a falar.

Criança: E o que farei quando eu quiser Te falar?

Deus: Seu anjo juntará suas mãos e lhe ensinará a rezar.

Criança: Eu ouvi que na Terra há homens maus. Quem me protegerá?

Deus: Seu anjo lhe defenderá mesmo que signifique arriscar sua própria vida.

Criança: Mas eu serei sempre triste porque eu não Te verei mais.

Deus: Seu anjo sempre lhe falará sobre Mim, lhe ensinará a maneira de vir a Mim, e eu estarei sempre dentro de você.

Nesse momento havia muita paz no céu, mas as vozes da terra já podiam ser ouvidas. A criança apressada, pediu suavemente: Oh Deus se eu estiver a ponto de ir agora, diga-

me por favor, o nome do meu anjo.

E Deus respondeu: Você chamará seu anjo.....MÃE!

A Borboleta

Um dia, uma pequena abertura apareceu em um casulo. Um homem sentou-se e observou a borboleta por várias horas conforme ela se esforçava para fazer com que seu pequeno corpo passasse através daquela fenda. Num determinado momento pareceu que ela parou de fazer qualquer progresso. Parecia que ela tinha ido o mais longe que podia, e não conseguiria fazer mais nada para sair do casulo.

Então, o homem decidiu ajudar a borboleta, pegou uma tesoura e cortou o restante do casulo. A borboleta saiu facilmente, mas seu corpo estava murcho e era pequeno e tinha as asas amassadas. O homem continuou a observar a borboleta porque esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e esticariam para serem capazes de voar, de suportar o corpo.

Nada aconteceu! Na verdade, a borboleta passou o resto de sua vida rastejando com um corpo murcho e asas encolhidas. Ela nun-



ca foi capaz de voar. O que o homem, em sua gentileza e vontade de ajudar não compreendia, era que o casulo apertado e o esforço necessário a borboleta para passar através da pequena abertura, era o modo com que Deus fazia com que o fluído do corpo da borboleta fosse para as suas asas, de modo que ela estaria pronta para voar uma vez que estivesse livre do casulo.

Por vezes, o esforço é justamente o que precisamos em nossa vida. Se Deus nos permitisse passar através de nossas vidas sem quaisquer obstáculos, ele nos deixaria aleijados.

E assim, nós não iríamos ser tão fortes como poderíamos ter sido e nós nunca poderíamos voar.

Eu pedi Força, e Deus me deu dificuldades para me fazer forte.

Eu pedi Sabedoria, e Deus me deu problemas para resolver.

Eu pedi Prosperidade, e Deus me deu cérebro e músculos para trabalhar.

Eu pedi Coragem, e Deus me deu perigos para superar.

Eu pedi Amor, e Deus me deu pessoas com problemas para ajudar.

Eu pedi Favores, e Deus me deu oportunidades.

Eu não recebi nada do que pedi, mas eu recebi tudo o que precisava.

